

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

ANA LÚCIA DE ARAÚJO PORTES

**ADÉLIA PRADO:
UM OLHAR SOBRE O SAGRADO NO COTIDIANO**

**Juiz de Fora
2018**

Ana Lúcia de Araújo Portes

Adélia Prado:

Um olhar sobre o sagrado no cotidiano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, na área de concentração em Religião, Sociedade e Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.
Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Portella

Juiz de Fora

2018

Ana Lúcia de Araújo Portes

Adélia Prado:

Um olhar sobre o sagrado no cotidiano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, na Área de concentração em Religião, Sociedade e Cultura, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Aprovada em seis de abril de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Luiz Izidoro

Instituto Santo Tomás de Aquino (Belo Horizonte)

Profa. Dra. Maria Cecília dos Santos Ribeiro Simões Rodrigues

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Rodrigo Portella

Universidade Federal de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

Várias páginas poderiam ser escritas acerca das surpresas que o período de elaboração desta dissertação me reservou. Porém, como acredito que nada ocorre por acaso, percebi que cada acontecimento era um convite e, ao mesmo tempo, uma oportunidade de crescimento.

Esta trajetória não poderia ser cumprida sem a presença de pessoas muito importantes que me auxiliaram ao longo do caminho.

Ao Deus, que me mandou luz nos momentos difíceis, de quem as dádivas vêm e a quem todas as coisas retornam.

À Adélia, por partilhar o sublime e inspirador dom poético.

Ao Professor Doutor Rodrigo Portella, por sua acolhida, disponibilidade, confiança e orientação, indispensáveis para a conclusão desta dissertação.

Ao Prof. Dr. Pe. José Luiz Izidoro e à Profa. Dra. Maria Cecília dos Santos Ribeiro Simões Rodrigues, pela presença na banca avaliadora e pelas preciosas contribuições.

Ao meu esposo João Paulo, pela sua disponibilidade, amor, amizade, tolerância e cumplicidade, sem o qual esta trajetória seria inviabilizada.

À minha filha Esther, que teve que dividir sua mãe com leituras e escritas, e que, tantas vezes, encorajou-me com sua alegria radiante.

Ao meu filho Samuel, que, ainda no ventre, passou por todos os percalços que emolduraram esta escrita dissertativa.

À minha mãe Maria Ana, pela ternura e palavras de incentivo, mulher de fé, e com a qual posso repetir como Adélia: “Acho estudo a coisa mais fina do mundo”¹

Ao meu pai Sebastião, que me ensinou de forma simples as interpretações mais singelas de manifestação do sagrado: “O que a memória ama fica eterno”².

Ao meu irmão Paulo Roberto, pelo apoio e auxílio.

À Aline, Ana Paula, Andréia, Rogéria, Sandra Elizabeth e Silvana, pela solicitude e por serem guardiãs da Esther, nos momentos em que precisei me ausentar.

Aos colegas da UFJF, que compartilharam da mesma luta e desafio.

Às amigas da E. M. Edith Merhey, que me incentivaram a seguir em frente.

¹ Do poema *Ensino* (PRADO, 2015, p. 84).

² Do poema *Para o Zé* (PRADO, 2015, p. 73)

Aos amigos e familiares, fontes de aconchego e acolhimento.

Aos professores do departamento de Ciência da Religião, em especial ao Professor Gerson, que me auxiliaram com dicas bibliográficas, conselhos, escuta atenta e amizade.

Ao Antônio Celestino, secretário do PPCIR, por toda generosidade e atenção.

À Mariana Chaves, pela revisão textual.

À CAPES, pela bolsa oferecida, que muito me auxiliou na aquisição de livros e na participação em eventos acadêmicos.

À Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, pela concessão da licença, indispensável para que pudesse me dedicar de forma integral ao cumprimento das disciplinas e elaboração dissertativa.

Partilho com todos vocês esta conquista, que, mais do que minha, é nossa!

*“Eu sempre sonho que uma coisa gera,
nunca nada está morto.*

O que não parece vivo, aduba.

O que parece estático, espera”.

(Adélia Prado)

RESUMO

A presente dissertação tem por intuito apresentar o cotidiano, esboçado na obra literária da poeta mineira Adélia Prado, e como este se torna um lugar, um espaço em que o sagrado se manifesta. A força motriz desta pesquisa é a observação de como a poesia adeliana é capaz de transmitir a sensibilidade de quem é capaz não só de encontrar a sua própria vontade de vida, mas também de perceber a vontade de vida nas coisas, nas pessoas e nos acontecimentos cotidianos. O objeto de estudo é a obra Poesia Reunida de Adélia Prado, publicada em 2015, em comemoração aos 80 anos da autora. O foco será a seleção de algumas poesias que revelam de forma mais direta o cotidiano, tendo como embasamento teórico o filósofo e cientista das religiões Mircea Eliade. A poeta Adélia escreve de uma forma singular, que não se divorcia do cotidiano e, ao mesmo tempo, é inseparável do sagrado. Em sua poética, Adélia perpassa todas as dimensões da existência humana. Desta forma, os acontecimentos cotidianos, desde os mais simples e corriqueiros, são encantados pelo toque da poesia.

Palavras-Chave: Adélia Prado. Sagrado. Cotidiano.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to present the quotidian, outlined in the literary work of the Brazilian poet, Adélia Prado. It also aims to show how her poetry becomes a place, a space in which the sacred is manifested. The driving force of this research is the observation of how poetry is capable of transmitting the sensitivity of those who are capable not only of finding their own will to live but also of perceiving the will to live in things, in people and in everyday events . The object of study is the book *Poesia Reunida*, by Adélia Prado, published in 2015, in celebration of the author's 80 years. The focus will be on the selection of some poems that, more directly, reveal the daily life. The methodology will be based on the philosopher and scientist Mircea Eliade. Adélia writes in a singular way that is inseparable not only from the daily life, but also from the sacred. In her poetry, all dimensions of human existence are permeated by her. In this way, everyday happenings, the simplest and most ordinary, are enchanted by the touch of poetry.

Keywords: Adélia Prado. Sacred. Daily life.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. A INFLUÊNCIA DO COTIDIANO NA ESCRITA POÉTICA DE ADÉLIA PRADO	14
1.1. A ADÉLIA DESDOBRÁVEL.....	15
1.1.1. Adélia e o eu lírico.....	19
1.1.2. As várias Adélias em uma só.....	24
1.2. ADÉLIA E A CRÍTICA À SUA OBRA.....	26
1.2.1. Influência Literária.....	28
1.2.2. A crítica literária à poesia do cotidiano.....	32
1.3. O COTIDIANO COMO EXPRESSÃO DO SAGRADO NA OBRA DE ADÉLIA PRADO.....	34
1.3.1. Poesia como expressão do sagrado.....	36
1.3.2. Experiência religiosa como pano de fundo na poesia adeliana.....	39
2. O ESPAÇO SAGRADO E O ESPAÇO PROFANO EM ELIADE	44
2.1. HIEROFANIA.....	46
2.1.1. A estrutura hierofânica do espaço sagrado.....	47
2.1.2. O cosmos e os símbolos sagrados.....	48
2.2. CENTRO E ESPAÇO SAGRADO.....	50
2.2.1. Axis Mundi – o umbigo do mundo.....	51
2.2.2. Tempo sagrado e tempo profano.....	53
2.3. DIALÉTICA: O SAGRADO E O PROFANO.....	55
2.3.1. O espaço sagrado como oposição ao profano.....	55

2.3.2. O homem religioso e sua relação com o sagrado.....	57
3. PROFANO, SAGRADO E COTIDIANO EM ADÉLIA E ELIADE	60
3.1. O SAGRADO MANIFESTO NA OBRA DE ADÉLIA PRADO.....	62
3.1.1. Manifestação do sagrado na lembrança.....	63
3.1.2. O sagrado que se revela na natureza.....	65
3.2. O ESPAÇO PROFANO/SAGRADO PRESENTE EM ELIADE E ADÉLIA.....	67
3.2.1. O templo como espaço privilegiado de encontro com o sagrado.....	68
3.2.2. O sagrado que se manifesta no profano/cotidiano.....	70
3.3. O HOMEM RELIGIOSO E SUA APROXIMAÇÃO COM O SAGRADO.....	74
3.3.1. A consciência da pequenez humana frente à divindade.....	75
3.3.2. O divino que se faz presente na casa-homem.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
BIBLIOGRAFIA.....	85

INTRODUÇÃO

A primeira vez que tive contato direto com a obra de Adélia Prado foi num curso de auxiliar de biblioteca que fiz em 2014, onde trombei com *Bagagem*. Digo trombada, porque a obra derrubou-me, arrebatou-me, seduziu-me e me fez lê-la por inteiro durante o intervalo de almoço. Despertou-me a fome poética e me lançou com voracidade em busca do conhecimento profundo da poesia adeliana. Nesse mesmo ano, tive a oportunidade de conhecer Adélia pessoalmente, em uma palestra proferida em Juiz de Fora, cujo título era a *Beleza na Liturgia*. A partir de então, meu objetivo maior foi estudar sua obra.

No entanto, como se trata de uma obra muito rica em temas, foi um trabalho árduo selecionar o foco a ser abordado. A escolha da temática deu-se por meio de um *insight*, em um momento que estava imersa nos meus afazeres domésticos e percebi que poderia falar daquilo com o qual me identificava em seus escritos, ou seja, de como é possível, e se o é, encontrar o sagrado no cotidiano, assim como do sagrado revelado nos versos adelianos.

Outra questão elementar surgiu: qual referencial teórico usar? Depois de buscar vários teóricos que discorriam sobre a temática do sagrado, fui apresentada ao autor romeno Mircea Eliade. Então, percebi que havia, em sua escrita, uma possibilidade de comparação entre pontos semelhantes e distintos, contidos na conceituação do sagrado e do profano, descrito por ele, e o sagrado no cotidiano, encontrado na obra de Adélia.

No modo de escrever adeliano, cada detalhe, encontrado no decorrer do dia, é tecido de forma poética. Poetizar sobre o cotidiano em Adélia é versar sobre o prosaico e o rotineiro. Estes, como pode ser percebido ao longo de sua obra, representam, para a poeta, uma via de acesso ao sagrado. Adélia entrelaça, nos fios de sua escrita, o cotidiano ao sagrado. Desta forma, os acontecimentos mais simples e corriqueiros, como o ato de cozinhar e a contemplação da natureza, são revestidos pelo toque da poesia, que a tudo integra e harmoniza.

Em Adélia Prado, o cotidiano é representado por espaços como casas, cozinhas, hortas, igrejas, pomares, quintais, conversas de vizinhas e relato de práticas religiosas. Sendo o cotidiano da escritora simples e caseiro, suas obras acabam refletindo este universo, que, embora possa parecer simples e sem valor, é rico de significados (CITELLI, 2009, p. 116). Adélia Prado é, pois, capaz de ofertar a

seus leitores a experiência da riqueza na simplicidade, a alegria de viver e a beleza, presentes nas miudezas do cotidiano.

O cotidiano aqui abordado não se referiu àquele que gira apenas em torno de si mesmo. Ele deve ser abordado sob a ótica de como o sagrado se manifesta nele e por meio dele. A poesia, o sagrado e o cotidiano são considerados fios distintos e, ao mesmo tempo, próximos, que se entrelaçam na mesma trama, para formar a narrativa poética adeliã, tal como foi demonstrado ao longo desta pesquisa.

Adélia possui um estilo próprio. Sua narrativa de vida, os relatos de suas observações e experiências diárias são expostos, ao mesmo tempo, como missão e dom, atribuindo à poesia o papel de instrumento para a revelação da boa nova divina (OLIVEIRA, 2012, p.183).

De acordo com Citelli (2009, p.115), “no universo simplório revelado por Adélia, oculta-se a beleza. No ordinário da rotina caseira relatada pela autora o leitor pode perceber a manifestação do sagrado”. Segundo Heller (*apud* CITELLI, 2009, p.115), “vida cotidiana é vida de todo homem e é a vida do homem por inteiro, pelo fato de estarem nela empenhadas todas as nossas capacidades”. Desta forma, a poesia adeliã não se restringe a um espaço estático, mas transmuta do particular e individual para o universal, atingindo a toda a humanidade.

O ponto central abordado, ao longo da pesquisa, consistiu em identificar como a hierofania, ou manifestação do sagrado, revela-se na construção poética de Adélia Prado e sobre o cotidiano.

A metodologia utilizada ao longo da dissertação, foi o estudo de algumas obras célebres do autor romeno Mircea Eliade, tais como: *O sagrado e o profano* (2001), *Tratado de História das Religiões* (1993), *Imagens e símbolos* (1991), *O mito do eterno retorno* (1969), além de trabalhos acadêmicos que abordem as conceituações do autor, elencadas nesta pesquisa.

Eliade foi o referencial teórico escolhido em virtude de o mesmo abordar, em seus estudos acerca das religiões, conceitos importantes para a presente pesquisa, tais como: o sagrado e o profano, a hierofania. Buscou-se ao longo deste trabalho, fazer um paralelo entre os conceitos abordados por Eliade e a ótica literária de Adélia sobre o cotidiano e o sagrado, abordando, principalmente, as diferenças e semelhanças verificadas entre os dois autores.

A bibliografia referencial de Adélia consistiu no livro *Poesia Reunida*, obra publicada em 2015 – em comemoração aos 80 anos de vida da autora e aos 40

anos de lançamento da sua primeira obra - que contém toda a obra de poesia da autora até 2015, além de comentários e crítica literária. No entanto, para melhor situar em quais obras cada poesia foi versada, foram acrescentadas notas de rodapé com título da obra, ano, e paginação, em que cada poesia citada pode ser também encontrada. Além disso, foram utilizados estudos acadêmicos – e não acadêmicos, mas importantes enquanto hermenêuticas de sua poesia - contribuindo para um melhor entendimento da temática proposta. Foram utilizadas, ainda, entrevistas cedidas pela autora em revistas, blogs e programas televisivos.

A elaboração textual foi dividida em três partes. O primeiro capítulo teve como foco a apresentação do objeto de estudo do presente trabalho, isto é, a poeta Adélia Prado, a importância da experiência religiosa em seus escritos, as influências e críticas literárias. O desenvolvimento do se deu a partir da temática da influência do cotidiano na escrita poética de Adélia Prado, apresentando este conceito a partir da ótica da própria autora, sendo esta a base de estruturação da pesquisa.

O segundo capítulo buscou esboçar alguns pontos conceituais trazidos pelo referencial teórico, com a temática o espaço sagrado e o espaço profano em Mircea Eliade. Foram abordados conceitos centrais da obra eliadiana, com a finalidade de colaborar para uma melhor compreensão de seus estudos e servir de embasamento para a análise comparativa com a produção poética de Adélia Prado.

Por fim, no terceiro capítulo, a temática discorrida teve como foco a relação profano-cotidiano-sagrado na obra de Adélia e de Eliade, assim como as aproximações e diferenciações verificadas através do exame comparativo entre alguns conceitos trazidos por Eliade e a escrita adeliana.

1. A INFLUÊNCIA DO COTIDIANO NA ESCRITA POÉTICA DE ADÉLIA PRADO

O presente capítulo tem como objetivo geral apresentar traços significativos na obra de Adélia Prado, assim como elucidar a dimensão biográfica de sua escrita.

O recorte principal se dará na manifestação do sagrado neste espaço comum de todo ser humano: o cotidiano. Este, na escrita de Adélia, deixa de ser estritamente profano, assumindo também a dimensão de sacralidade.

A experiência poética no cotidiano pode ser ilustrada por meio dos *insights* que o leitor vivencia ao ler uma obra, que podem ser elucidados com a exclamação: “nunca tinha visto isso dessa forma”, ampliando o campo de visão e a percepção acerca do mundo que o rodeia, revelando a riqueza e a beleza do que antes lhe era tido como banal.

A leitura da obra de Adélia transmite a vivência da própria autora, o que pode ser percebido em relatos do seu dia-a-dia, que se mostra similar ao cotidiano de várias pessoas. Embora seus relatos e cenários poéticos se aproximem mais do universo feminino, sua poesia cativa leitores de todas as idades e gêneros.

De acordo com Barbosa (2002, p.101), Adélia abre mão dos rótulos sobre o seu modo de escrever. Porém, é possível notar, ao longo de seus versos, a forte ligação que a sua temática tem com o cotidiano. As formigas que andam sobre a parede, as cigarras que aparecem no verão, o despertar abrupto de um sonho, o apreciar das tardes de domingo, enfim, qualquer acontecimento rotineiro na vida da autora, ou dos que a cercam, pode transformar-se em poesia.

A poesia traz novo significado às coisas do mundo, sejam objetos, situações ou acontecimentos, oferecendo a cada qual um motivo de ser. Dar sentido ao mundo é valorizar cada ação cotidiana, não importando sua dimensão. A representação da simplicidade cotidiana em Adélia ocorre por meio de um linguajar singelo, corriqueiro, como uma conversa informal do dia a dia, às vezes em uma escrita bem regionalista, um jeito mineiro de escrever. O cotidiano é aqui elencado como impulsionador da obra de Adélia. A originalidade do tratamento dado a ele torna-se a assinatura de sua escrita, ou seja, aquilo que a distingue dos demais autores: “O singelo se transforma em grandioso e, a linguagem e o modo com que isso ocorre, constitui-se na originalidade característica da obra adeliana, o que a torna um todo coerente” (BARBOSA, 2002, p. 101-102).

O capítulo prossegue com o desenvolvimento do conceito de cotidiano, sob o ponto de vista da própria autora, que servirá como base para compreensão e análise ao longo do estudo. Nos versos adelianos, faz-se perceptível o encontro com o belo no ordinário da vida, nas situações mais simples e prosaicas, no “pensar em voz alta” diante do leitor, na revelação de lembranças da infância, nas sensações, cheiros e sentimentos. Adélia dirige-se ao leitor com a sinceridade de quem fala a um amigo daquilo que lhe é mais íntimo e sagrado, sem que, para isso, seja necessário elaborar enredos rebuscados e complexos. Ela expressa-se por meio da trivialidade e toca em assuntos profundos, em poesias transbordantes de criatividade e inspiração, livres de amarras e regras engessadas. Estas características podem ser verificadas em *A Formalística e Epifania*, assim como em outros poemas que serão analisados no decorrer deste estudo.

Para Adélia, o cotidiano e a arte proporcionam a revelação do transcendente no dia a dia. Na poesia da autora, é notória a valorização do cotidiano como o lugar capaz de proporcionar situações de fascínio e deslumbramento, uma ponte de acesso ao divino (CAMPOS, 2014, s/p). Tal elaboração torna-se perceptível ao longo da obra da poeta, assim como afirma Alves:

A ausência de hierarquia constitui-se num traço marcante do estilo adeliانو configurado a partir não só das experiências pessoais, domésticas da poeta, mas também de uma tradição que busca o simples, a poesia nas coisas. Este veio modernista é incorporado e engrandecido pela autora. Ela retoma, com um olhar peculiar, o cotidiano mais íntimo, escondido nos quintais, nas cozinhas, nos temperos, para compor uma poesia que nos dá a impressão de coisas jogadas, captadas livremente pela inspiração (ALVES, 2014, p. 132).

Este capítulo buscará, enfim, abordar a biografia adeliانو, suas influências literárias, a crítica à sua obra, o aspecto religioso de sua produção, o eu lírico, o aspecto autobiográfico de seus versos, de que forma sua poética é permeada pelo sagrado e como este se manifesta no cotidiano. Os tópicos serão abordados a partir de entrevistas concedidas por Adélia e, por meio da articulação com vários de seus poemas, buscar-se-á revelar o aspecto autobiográfico e as nuances de sagrado e cotidiano ao longo de seus versos.

1.1. A ADÉLIA DESDOBRÁVEL

A obra de Adélia Prado possui uma forte característica autobiográfica e está intimamente ligada aos acontecimentos cotidianos da autora, assim como aos das pessoas que a cercam ou observados por ela ao longo de sua vida. Coisas e pessoas são, pois, dois elementos que ressoam insistentemente nos versos adelianos (BARBOSA, 2012, p. 102). Corroborando tal tese, podemos verificar, segundo Capellari (2013), que:

Os pormenores estão presentes na relação do eu lírico com as pessoas que participam de seu cotidiano ou aquelas que simplesmente foram vistas, pensadas ou sonhadas. Entretanto, as presenças do pai e da mãe são constantes em suas lembranças do passado, quando rememora momentos, por meio de falas, cheiros, gostos, sons, imagens, as quais se desdobram novamente no cotidiano das experiências, lembranças, memórias e confissões. Há nos pormenores, como nos objetos, uma vontade poética naquilo que pode parecer inesperado, uma das principais marcas da poesia adeliana, destacando sua sensibilidade para perceber tudo ao redor de um modo incomum e representá-lo na mais aguçada inspiração (CAPELLARI, 2013, p. 89).

A poesia adeliana sugere um caráter narrativo, que nos transmite uma conversa informal, em que várias temáticas são entrelaçadas. Em várias delas, o eu lírico inicia um assunto, passa para outro, retorna ao primeiro, convoca um terceiro, ou seja, a poeta expõe sua subjetividade a partir de olhares e lugares variados ao longo do poema. Este tipo de narrativa pode trazer ao leitor a sensação de que perdeu o fio condutor da leitura. Esta forma de aglomerar vários assuntos em um mesmo enredo é denominada de “construção em vitral”, isto devido ao fato de vários assuntos irem se moldando e encaixando, tal como se nota na construção dos vitrais que formam uma imagem (ALVES, 2014, p. 135). Desta forma, percebe-se uma Adélia que possui uma maneira de expressar bem feminina, falando de vários assuntos ao mesmo tempo. No entanto, a autora mantém pontos de interligação e raciocínio coerentes, de modo que não se encontra presa à estrutura textual, movendo-se pela inspiração e pelo conteúdo narrativo.

Ao ser indagada, em entrevista concedida ao programa Roda viva, em setembro de 1994, sobre a sua forma de escrita, Adélia responde:

‘Detesto escrita elegante’ significa: detesto escrita elaborada, a coisa elaborada, em que você vê o andaime, é ruim demais, não é? É muito ruim ler um texto assim. Você vê o andaime, você vê a preocupação, a preocupação... A coisa que dá mais pista do autor é o texto. E principalmente quando ele não quer dar pista; quando ele fica maquiando a coisa, aí ele se entrega inteiro (ADÉLIA PRADO, 1994).

Em relação à questão da religião na obra adeliana, ela encontra-se amalgamada à arte, originando algo único, sendo este um traço marcante e essencial na compreensão de sua obra.

Para Adélia, as palavras não são apenas um código de referência extratextual. Elas são obrigadas a ir mais além de si mesmas e de seus significados relativos. Um poema que não tentasse fazê-las dizer o indizível, permaneceria uma simples manipulação verbal.

A poesia adeliana atribui às coisas do mundo um valor simbólico religioso. Porém, ao fazer isso, a autora reforça o valor real e concreto das mesmas, conforme pode ser verificado no trecho a seguir:

Assim, o próprio apego à criação acaba por causar perturbações no canto de louvor ao criador. O conflito, nesse caso, provém não da falta, mas do excesso de identificação com o mundo experimentado pelo sujeito lírico. O que ‘contrista a alma’ é saber que a realidade ‘passa e murcha’, pois caminha junto com o afã de experimentar o mundo como beleza e alegria uma aguda e desconfortante (às vezes desesperadora) consciência de sua fugacidade (SOARES, 2010, p. 129).

Corroborando o que foi dito anteriormente, Barbosa revela que, além de a obra de Adélia Prado possuir uma forte característica autobiográfica, ela está intimamente ligada aos acontecimentos cotidianos da autora e também das pessoas que a cercam ou por ela observadas ao longo de sua vida. Coisas e pessoas são, pois, dois elementos que ressoam insistentemente nos versos adelianos (BARBOSA, 2012, p.103).

Ao longo da poética adeliana, é possível notar mais do que narrativas cotidianas. Verifica-se uma busca de tudo o que emerge dos acontecimentos rotineiros e de como estes conduzem à missão de cada indivíduo. De forma simples, porém rica, Adélia reflete em suas poesias a beleza e a singularidade de cada momento, num convite de viver cada dia e encontrar nele o sentido da vida.

O poema *Exausto* ilustra, de forma primaz, a reflexão sobre os dois extremos da existência humana: início e fim, vida e morte. Esta, de forma singela, é expressa

por meio do sono – descanso. Já a vida é retratada como uma planta, que nasce, morre e deixa sementes que darão continuidade ao ciclo da existência. Adélia Prado sugere um retorno ao início de tudo, quando era uma “semente” no ventre de sua mãe. A autora faz, ainda, uma sátira, ao comparar que nossa vida acaba debaixo da terra, enquanto que a de uma planta começa debaixo dela. Desta forma, sua escrita poética convida a um mergulho no sentido e vontade de vida, interligando coisas e seres, num constante germinar:

Exausto

Eu quero uma licença de dormir,
 perdão pra descansar horas a fio,
 sem ao menos sonhar
 a leve palha de um pequeno sonho.
 Quero o que antes da vida
 foi o sono profundo das espécies,
 a graça de um estado.
 Semente.

Muito mais que raízes (PRADO, 2015, p.28)³.

Adélia nos fala, ao longo de sua obra poética, de sua experiência de “estar no mundo” por meio de um lirismo substancial, onde são incluídas as questões triviais do cotidiano, tais como: as tarefas domésticas, as conversas com vizinhos, a vida em família, seus desejos e lembranças, rituais e hábitos religiosos. Da mesma forma, ela reflete sobre questões existenciais mais profundas, tais como o sentido da vida, da morte, e a presença de Deus (BITTENCOURT, 1989, p. 236).

Adélia demonstra, ainda, no decorrer de sua escrita, a importância de sua cidade na criação literária: “Eu só tenho o cotidiano e meu sentimento dele. Não sei de alguém que tenha mais. O cotidiano em Divinópolis é igual ao de qualquer outro lugar no mundo. Só que vivido em português” (contracapa, *Miserere*, 2013).

A universalidade da obra reside na capacidade que o relato de uma situação e experiência, muitas vezes diferentes das que são experimentadas pelo leitor, tem de tocá-lo e tomá-lo tão profundamente, como se o que é relatado no poema tivesse também sido vivenciado por quem se alimenta das palavras descritas. Embora o contexto interiorano não seja o mesmo que o de todos os leitores, a singularidade e a simplicidade com que ele é narrado permitem sua assimilação e reflexão por pessoas de diversas regiões e países, falando de algo que é próprio a cada e a todo ser humano, o cotidiano.

³ *Exausto* (PRADO, *Bagagem*, 2009, p.26; PRADO, *Poesia Reunida*, 1991, p.27).

1.1.1. Adélia e o eu lírico

Para Dourado (2004, p. 49), Adélia é lírica e foca, em seus versos, questões existenciais, buscando o primor da essência mais pura da poesia e elaborando uma poética ao estilo brasileiro. Seu jeito interiorano, mineiro, religioso, espiritualizado e sutil de falar e se expressar contrasta, muitas vezes, com uma oratória erudita e rígida, presa em suas normas. Desta forma, na simplicidade, a poeta toca em temas profundos e essenciais à humanidade como um todo.

Em entrevista, Adélia expressa a importância de sua vivência religiosa e de seu contexto familiar em seu processo de escrita:

Eu sou filha de ferroviário e mãe do lar, que ficava em casa. A minha experiência de infância e adolescência foi a que é comum em uma cidade do interior de Minas: uma educação muito rígida e muito doutrinária do ponto de vista moral e religioso. Mas fui salva dessa rigidez - que é, de certa forma, de natureza religiosa - pela poesia e pela beleza do culto, da liturgia, Quer dizer, a religião é severa, mas é bela. Também tive, graças a Deus, uma infância feliz, com pais bravos e severos, mas também amorosos. Todo esse contexto familiar, religioso e escolar me dá até hoje material de recordação (PRADO, *O Globo*, 1991, p. 106).

Conforme afirma Frei Betto (2000, p.122), “tudo é permeado por Deus – é assim a obra de Adélia Prado. Uma poética litúrgica que induz o leitor a se indagar como ser no mundo”. Poesia e liturgia são tecidas conjuntamente. Os ritos religiosos vivenciados pela poeta, ao longo de sua prática católica, e as citações bíblicas permeiam vários de seus escritos, como pode ser notado na poesia abaixo:

Biografia do poeta

Era uma casa com árvores de óleo, duas árvores grandes... Assim começa o meu amor por Jonathan, com este belo relato. Referia-se meu pai aos óleos como se recontasse: ‘Destes troncos que vês, Deus falou a Moisés’. Pois bem. Duas árvores de óleo, duas horas da tarde, e um café que todo mundo, àquela hora, fazia. Uma voz intrometeu-se: ‘Você e seu irmão podem brincar aqui que não chateiam’. Chamavam poeta aos que sabiam rimar, o mundo intimava. Nem Salomão em sua glória foi mais feliz que eu. Pode-se transformar em amor o horror às fezes? Ainda que tenham, desconforto e estranheza não devem permanecer para que eu siga humana? Queria ter inventado o ponto de cruz e o fermento — pequena humilhação seguir receitas. Borboletinhas, computadores, fios d’água com peixes, cabos telegráficos sob o mar. Descubro que nunca vi a vera face de Deus. Há mulheres no meu grupo que rezam sem alegria e de cabo a rabo recitam o livro todo, incluindo imprimatur, edições, prefácio, endereço para comunicar as graças alcançadas. Eu só quero dizer: Ó Beleza, adoro-Vos! Treme meu corpo todo ao Vosso olhar (PRADO, 2015, p. 283)⁴.

⁴ *Biografia do Poeta* (PRADO, *A Faca no Peito*, 2007, p.9).

No poema anterior, Adélia retoma as lembranças da infância, das conversas em seu ambiente familiar, intitulado o texto de forma sugestiva (*Biografia do Poeta*) e conduzindo o leitor ao entendimento de que os acontecimentos ali relatados por ela podem estar intimamente ligados a um fato ocorrido em sua própria vida. A autora cita passagens bíblicas que estão impressas em sua memória desde a infância, o que aponta para um universo vivencial religioso. Este universo é, também, revelado na narrativa das rezas que fazia. Ela diz, com certo lamento, que há mulheres que rezam sem alegria, uma crítica à oração apenas verbalizada e mecânica, não sentida e vivenciada, afirmando que só gostaria de dizer: “Ó Beleza, adoro-Vos! Treme meu corpo todo ao Vosso olhar”. Mais do que palavras decoradas, Adélia aponta para a necessidade de estar inteira diante da divindade que gera, ao mesmo tempo, tremor e admiração. Além disto, retoma a temática da valorização daquilo que diferencia o ser humano dos demais seres, ou seja, aquilo que lhe é próprio: suas limitações, impurezas e excreções, questionando o que deve ser tido como belo e amável: “Pode-se transformar em amor o horror às fezes? Ainda que tenham, desconforto e estranheza não devem permanecer para que eu siga humana?”

Adélia revela o cotidiano como espaço em que o Sagrado se manifesta de forma mais efusiva, por meio da linguagem poética, conforme descreve em entrevista:

Se Deus é poesia, só o é porque é possível pensá-lo como manifestação de Si em meio ao mais trivial da existência. Porém não nos iludamos quanto a essa promiscuidade: não estamos pensando em nenhuma forma de manifestação do divino como “epifania” no seio da vida cotidiana (conquanto não seja difícil conceber tal possibilidade). Trata-se, segundo cremos, de aceitar o cotidiano – com todo o seu lastro de sufocante imanência –, como possibilidade de manifestação ou como espaço em que a intromissão do sagrado se dá na forma da linguagem e dos símbolos do cotidiano, sem ter o seu próprio espaço de privilégios (PRADO *apud* SUTTANA, 2015, s/p).

Na escrita adeliana, é possível perceber que tudo o que é relatado recebe um toque divino. Portanto, o belo e a poesia fazem-se presentes em tudo que a circunda. A autora lança reflexões possíveis sobre o imanente e o transcendente, sobre o diálogo do ser humano com o divino em todos os lugares, espaços e religiosidades, ampliando o olhar dialógico entre as mais variadas religiões. Os

acontecimentos e lembranças da autora, também recebem destaque, pois fazem parte de seu cotidiano e são essenciais para delinear a estrutura do sujeito, sendo, por esse motivo, abordados na análise de seus poemas, tal como pode ser percebido no poema a seguir:

Branca de neve

Caibo melhor no mundo se me dou conta do que julgava impossível: ‘Nem todo alemão conhece Mozart’, Um óbvio, pois nem é preciso, cada país tem seu universal e basta um para nos entendermos. Com os russos me sinto em casa, não podem ver uma névoa, uma aguinha, uma flor no capim e param eternos minutos fazendo diminutivos. Como o jagunço Riobaldo que sabe do mundo todo e tem Minas Gerais na palma de sua mão. Fico hiperbólica para chegar mais perto. ‘Geração perversa, raça de víboras’ não é também um exagero do Cristo para vaziar sua raiva? Escribas e fariseus o tiravam do sério. Mas todos eles? Todos? Cheiramos mal, a maioria, e sofremos de medo, todos. O corpo quer existir, dá alarmes constrangedores. Me inclino aos apócrifos como quem cava tesouros. É evangélico que trabalhem cantando os anõezinhos da história. No fundo, todos queremos conhecer bíblicamente, apesar de que os pés de página, por mania de limpeza, não é sempre que ajudam. O verdadeiro é sujo, destinadamente sujo. Não são gentilezas as doçuras de Deus. Se tivesse coragem, diria o que em mim mesma produziria vergonha, vários me odiariam feridos de constrangimento. Graças a Deus sou medrosa, o instinto de sobrevivência me torna a língua gentil. Aceito o elogio de que demonstro ‘tino escolhitivo’. Pra quem me pede dou listas de filme bom. Demoro a aprender que a linha reta é puro desconforto. Sou curva, mista e quebrada, sou humana. Como o doido, bato a cabeça só pra gozar a delícia de ver a dor sumir quando sossego (PRADO, 2015, p. 447)⁵.

“O verdadeiro é sujo, destinadamente sujo” (Idem). Com esse verso, Adélia busca expressar a essência da humanidade e da verdade, sem adereços, de forma crua e sincera. Relata que os humanos cheiram mal e sofrem de medo, realçando novamente a condição da miséria humana, limitada e efêmera. Ressalta que a exposição das limitações humanas poderia causar irritabilidade em muitos que se acham em posição superior e são incapazes de olharem para suas próprias misérias, mas que o extinto de sobrevivência a torna gentil, expressando que, muitas vezes, gostaria de expressar mais escancaradamente o que pensa. Porém, a “linha reta é puro desconforto”, visto que ela se sente “curva, mista e quebrada” (Idem). Podemos perceber, aqui, o paradoxo da poeta que, às vezes, não escreve tudo o que gostaria, devido ao fato de ter que seguir normas lineares, o que lhe gera incômodo, pois a autora não é linha reta, mas cheia de ambiguidades, dúvidas e questionamentos, algo que é próprio da humanidade. A autora relata, para finalizar,

⁵ *Branca de Neve* (PRADO, *Miserere*, 2013, p. 09).

que, às vezes, age como doida, ou seja, não age conforme as normas pré-estabelecidas e que isto, de certa forma, lhe causa gozo, alegria e prazer. Conforme elucida Octávio Paz: “A poesia não é uma explicação de nossa condição, mas uma experiência em que nossa condição, ela mesma revela-se ou manifesta-se. E por isso está indissolúvelmente ligada a um dizer concreto sobre isso ou aquilo” (PAZ, 1996, p. 58).

A escrita poética de Adélia revela sua vivência, seus medos, angústias, além de transcrever o cotidiano do espaço mineiro e regionalista no qual está inserida, sendo este um ponto recorrente ao longo de sua obra. A própria autora nos diz:

Enquanto livro e poesia é uma coisa só. Eu vou fazer um livro só a minha vida inteira. Eu quero escrever Bagagem, a vida inteira. Por causa do limite da gente, né? Eu só tenho essa 'vozinha', eu só tenho esse quadradinho para olhar o mundo. É com essa lente limitada, finita, que eu vou, enfim, experimentando o mundo. E, naquilo que ele tem de beleza, vira poesia. Às vezes (PRADO *apud* MARTINUZZO, 2014, p. 01).

Em entrevista concedida ao jornalista Francisco Costa, da *Folha de S. Paulo*, em 24 de setembro de 1988, Adélia conceitua poesia da seguinte forma:

Para mim poesia é a revelação do real. Experimentar a poesia é experimentar o real, o que de fato é. Ela é desveladora da realidade, ela permite a você a desmistificação da vida. [...] o poeta é como o filósofo, é aquele que está centrado no real. Por isso ele é tão importante no processo de humanização das pessoas. [...] o discurso poético é uma epifania, revelação constante. Revelação dirigida à sensibilidade, que não conta com a inteligência, que envolve (PRADO *apud* MOREIRA, 2010, p.12).

Para Adélia, poesia é mais do que uma via transmissora de informações. A tecedura poética torna-se um espaço de manifestação do sagrado, ultrapassando o mero ato da escrita literária. Entretanto, a escrita está intimamente ligada à experiência de vida de seu autor. Desta forma, é possível encontrar, em grande parte de sua poética, relatos de acontecimentos cotidianos vivenciados por ela, assim como narrativas de lembranças de sua infância, onde o eu lírico revela que é do próprio cotidiano que emerge a poesia, conforme se nota no poema a seguir:

Epifania

Você conversa com uma tia, num quarto. Ela frisa a saia com a unha do polegar e exclama: 'assim também, deus me livre'. De repente acontece o tempo se mostrando, Espesso como antes se podia fendê-lo aos oito anos.

Uma dessas coisas vai acontecer: um cachorro late, um menino chora ou grita, ou alguém chama no interior da casa: 'o café está pronto'. Aí, então, o gerúndio se recolhe. E você recomeça a existir (PRADO, 2015, p. 77)⁶.

No poema acima, Adélia dirige-se ao leitor com o termo *você*, demonstrando proximidade e informalidade, como alguém que partilha das mesmas emoções e vivências, expressando uma confiança que sabe que será ouvida e compreendida.

A autora relata a ruptura do tempo e antecipa que a lembrança do momento vivido com a tia acabará quando a consciência do momento presente vir à tona, demarcando o limiar do que foi experimentado na infância, com o aqui e agora. A articulação entre passado e presente apresenta o potencial de consciência e rememoração que a poesia pode produzir, unindo as extremidades da existência, o antes e o depois, as memórias, vivências, emoções, nostalgias e percepções do mundo que envolvem o ser (PAULA, 2010, p. 161).

O que pode ser dito

Quase indizível o experimento histórico, porque o mês é setembro, o ano, o de 2011 e às três da manhã me percebo acordada me equilibrando a beira de um buraco de onde eu só agora meço o fundo e escuto a radiação contínua de uma dor por anos de distração ignorada. Quem pode me consolar a não ser Vós, face desfigurada de solidão e tormento? Que fiz eu, desatenta à vida inteira? Com que ocupava as horas quando, à minha frente, muda levantáveis os olhos para mim esperando mais que migalhas? Chorem comigo, céus, para que o desvão transborde. Me socorre, pai, mãe, me socorre, irmãos meus, ancestrais, pecadores todos. Quem viu o que vejo venha me socorrer. Sempre quis ver Jesus e Ele esteve comigo o tempo todo. Só era preciso um olhar, Um olhar atento meu. Era só ficar junto e de modo perfeito tudo estaria bem, de modo miraculoso. Ó Vós que me fizestes, bendigo-Vos pela cruz da qual ainda viva me desprendes, Eu não preciso mais acreditar. Na minha carne eu sei que sois o amor e é dele que renasço e posso voltar a dormir (PRADO, 2015, p. 460)⁷.

O eu lírico fala no poema acima de uma dor interna, sofrida por anos, porém ignorada. Ele clama a Deus como único consolo, ele que sofreu de forma exacerbada a solidão e o tormento. A autora divide, com o leitor, a conclusão a que chegou: de ter sido desatenta durante sua vida, de não ter percebido a face de Deus nos acontecimentos vividos. O ápice do poema se dá no verso: "Sempre quis ver Jesus e Ele esteve comigo o tempo todo. Só era preciso um olhar, Um olhar atento meu" (Idem).

⁶ *Epifania* (PRADO, *Bagagem*, p.106; PRADO, *Poesia Reunida*, 1991, p.104).

⁷ *O que pode ser dito* (PRADO, *Miserere*, 2013, p. 55).

Adélia traz, novamente, o paradoxo do longe/perto, atenção/desatenção. Retrata que, muitas vezes perdida em meio aos afazeres cotidianos, não teve a percepção que Deus a acompanhava de perto, e, por isso, muitas vezes buscou longe Aquele que esteve sempre junto com ela. Ao constatar esta realidade, ela louva e bendiz a Cristo por desprendê-la da cruz da ignorância. Ela diz, ainda, que já não precisa mais crer por meio das palavras ou constatações, uma vez que agora sente a presença divina em sua própria carne, expondo, assim, a sua religiosidade e o encontro com o sagrado. Para Adélia, a poesia reflete seus próprios sentimentos; ela desnuda o que está no íntimo do ser; revela seu modo de agir e pensar e escancara seus segredos mais escondidos; além de servir como alimento para a alma, o que pode ser notado no trecho da entrevista a seguir:

Toda obra me oferece um espelho. A obra é um espelho. Ela faz com que eu me reconheça nela. Se você diante de um livro diz: 'como esse autor pôde tocar nisso? Eu achava que só eu sabia disso'. Aí mora a universalidade da obra verdadeira. A arte expressa aquilo que sentimos, aquilo que é humano, e só por isso ela me alimenta porque ela dá significação e sentido na minha vida (MOREIRA, 2012, s/p).

Em Adélia, “a vivência torna-se experiência a partir do momento em que ela representa sua intimidade através do poema, compartilhando-a com o leitor, que acabará por vincular ou não aquilo que lê com o eu do autor” (CAPELLARI, 2013, p. 28).

1.1.2. As várias Adélias em uma só

Segundo Campos (2014, s/p), o mistério, o erotismo e o cotidiano são temas recorrentes na poesia adeliana. A morte é uma temática que também se faz presente em seus escritos e foi após o falecimento de sua mãe, em 1950, que Adélia escreveu seus primeiros versos, aos 15 anos de idade. O sentimento de orfandade parece ter sido a válvula propulsora para que a poeta transformasse sua história de vida em poesia. Os sentimentos e afetos experimentados transmutaram-se em palavras

Corroborando o que foi exposto acima, Capellari (2013) pontua que, embora não se saiba ao certo se tudo aquilo que é escrito condiz em totalidade com o que foi vivenciado pela autora, já que a linguagem poética apresenta uma multiplicidade

de sentidos, é difícil, ao mergulhar no estudo da obra adeliana, não estabelecer relações entre aspectos de sua biografia e sua escrita poética, uma vez que a própria poeta associa sua poesia às suas experiências. Para Adélia, “a poesia é o que há de real, ela é a guardiã da realidade, realidade que nos remeterá sempre ao ser por excelência, à realidade absoluta” (PRADO *apud* CAPELLARI, 2013, p.20).

Uma característica marcante nos poemas de Adélia é o aspecto narrativo de sua obra. No entanto, o poema lírico não é de ordem narrativa. O poeta pode recolher aspectos narrativos para modelar seu texto. Quando isto ocorre, o poema não deixa de ser lírico:

A leitura de alguns poemas nos dá a impressão de que a poeta está nos contando algo. Há uma vontade de contar, de falar sobre a experiência cotidiana. E vamos percebendo que o ato de contar lhe é costumeiro, cotidiano (é parte de sua linhagem) (ALVES, 2014, p. 135).

O aspecto narrativo da obra adeliana pode ser exemplificado por meio do poema abaixo:

As palavras e os nomes

Me atordoam da mesma forma os místicos e as lojas de roupa com seus preços. O dente apodrece sem que eu levante um dedo pra salvá-lo, já que escolhi o medo como meu Deus e senhor. Tem pó demais na prateleira dos livros e livros em demasia e cartas cheias de si me atravancando o caminho: ‘Escrever para mim é uma religião’. Os escritores são insuportáveis, menos os sagrados, os que terminam assim as suas falas: ‘Oráculo do Senhor. ‘Eu fico paralisada porque desejo a posse deste fogo e a roupa de talhe certo, com tecidos de além-mar. Ai, nunca vou fazer ‘cantar d’amigo’. No entanto, como se eu fora galega, na minh’alma arrulham pombos, tem beirais, tem manhãzinhas, costureirinhas, pardais. Meu nome agora é nenhum, diverso dos muitos nomes que se incrustaram no meu, Délia, Adel, Élia e Lia e para desgraça minha ainda Leda, Lea, Dália, Eda, leda e ainda Aia. O melhor! Aia, criada de dama nobre, a dama de companhia, a que tem por ofício anotar no papel a vida e espiar pela fresta a ama gozando com o rei. Borboleta, esta grafia, este som é um erro e os erros me interessam, sacrifico as aranhas pra saber de onde vêm. A natureza obedece e é feliz, a natureza só faz sua própria vontade, não esborda de Deus. Mas eu o que sou? (PRADO, 2015, p. 291)⁸.

No poema acima, Adélia compara o seu ato de escrever à manifestação da sua fé. No verso “Escrever para mim é uma religião” (Idem), a atividade da autora

⁸ *As palavras e os nomes* (PRADO, A Faca no Peito, 2007, p.31; PRADO, Poesia Reunida, 1991, p.383).

pode ser entendida como um serviço a Deus, ao passo em que ela, na função de oráculo, dá voz à mensagem divina. A poesia é revestida, neste contexto, de um caráter epifânico, ou seja, ela assume o papel de meio através do qual o sagrado se manifesta. Adélia diz, ainda, que seu nome é nenhum dos já conhecidos ou direcionados a ela, visto que ele se mistura com tudo aquilo que a autora percebe. Portanto, seu nome desdobra-se em vários outros, de acordo com cada papel que a autora desempenha e o lugar que ocupa. Revela, ainda, que a natureza, por obedecer, é feliz, pois segue o seu curso e não contraria a vontade divina. Ao final, lança uma questão existencial a todos, indistintamente: “Mas eu o que sou?” (Idem), revelando a dimensão existencial e de busca interior que sua obra abarca.

Pode-se depreender, desta forma, um caráter autobiográfico na obra adeliana, à medida em que esta delinea a percepção que um sujeito específico faz de seu cotidiano. A intimidade da autora não é só revelada, é construída pela linguagem poética, fazendo com que ficção e autobiografia se fundam, não sendo mais possível discernir entre uma e outra, interpretação esta que fica a cargo do próprio leitor.

A construção poética adeliana se dá, pois, por meio de elementos como palavras próprias do ambiente doméstico, do cotidiano dessa mulher que é desdobrável: mãe, filha, esposa, amiga, poeta, avó, órfã, dona de casa, tudo junto em um só ser, tal como muitas de suas leitoras.

1.2. ADÉLIA E A CRÍTICA À SUA OBRA

Os escritos de Adélia Prado revelam uma relação de igualdade entre a linguagem literária e a religião, de modo que ambas se fundam em uma mesma coisa, como afirma a própria autora, em entrevista concedida aos *Cadernos de Literatura Brasileira do Instituto Moreira Salles*:

Eu não faço diferença. Para mim experiência religiosa e experiência poética é uma coisa só. Isto porque a experiência que um poeta tem diante de uma árvore, por exemplo, que depois vai virar poema, é tão reveladora do real, do ser daquela árvore, que ela remete necessariamente à fundação daquele ser. A origem, quer dizer, o aspecto fundante daquela experiência, que não é a árvore em si, é uma coisa que está atrás dela, que no fim é Deus, não é? (PRADO *apud* CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 2000, p. 23).

A poesia de Adélia aparece, frequentemente, vinculada a grandes nomes da literatura, tais como: Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Fernando Pessoa e Guimarães Rosa. A autora faz alusão aos autores mencionados por meio de citações, paráfrases, epígrafes, dedicatórias. No entanto, isto não implica em afirmar que Adélia os imite, pois ela possui uma escrita própria e diferenciada em relação aos autores que lançaram sobre ela uma influência literária. A crítica também foca na tônica metalinguística empregada nos versos adelianos, assim como nos traços formais de modernidade que podem ser verificados no verso e ritmo livres. Além disso, a autocrítica, presente na obra adeliana, transmite o rigor com o qual a própria autora julga seus escritos, um ponto bem utilizado pelos autores do século XX, devido à censura que existia em relação ao posicionamento sobre questões importantes e necessárias de serem debatidas e levantadas pela sociedade (GOMES, 2012, p.11).

Adélia Prado retrata o cotidiano com olhar de perplexidade e de encantamento. Nas palavras de Carlos Drummond de Andrade, “Adélia é lírica, bíblica, existencial. Faz poesia como o bom tempo. Esta é a lei, não dos homens, mas de Deus. Adélia é fogo, fogo de Deus em Divinópolis” (ANDRADE *apud* ALMEIDA, 2012, s/p).

Na perspectiva do crítico e poeta Octavio Paz, a poesia é “uma revelação da nossa condição original, qualquer que seja o sentido imediato e concreto das palavras do poema” (PAZ, 1991, p. 180). Para Paz, a revelação religiosa não constitui um ato original, mas sim uma interpretação, enquanto que a revelação poética é o que exprime o interior do ser, “ato pelo qual o homem se funda e se revela a si mesmo” (Ibid, p. 189).

Adélia, ao ser indagada sobre o fato de o escritor sentir-se meio Deus ao criar um mundo imaginário, responde:

Nossa senhora!, ele se sente, às vezes, a última das criaturas. Porque ele é muito pior que o livro dele. É verdade. O dia que eu for igual a um livro meu, eu estou perdida, não dou conta de escrever mais nenhuma palavra. Eu sempre tenho que ser melhor do que eu mesma para ir atrás do livro. Deus nada, quê que é isso! Tadinho de nós (PRADO *apud* CUNHA, 2014, s/p).

A poesia de Adélia Prado expressa a grandiosidade da experiência com o divino, sentida e vivenciada por meio dos relatos de episódios da vida cotidiana: “Os

vocativos / são o princípio de toda poesia [...] convoca-me a voz do amor, / até que eu responda / ó Deus, ó Pai” (PRADO *apud* CAMPOS, 2014, s/p). A palavra vocativo remete a outra palavra, de grande significação: vocação. Isto é, ao seu chamado; sua missão é poetizar.

A obra de Adélia é verdadeira e inovadora. É revestida de um frescor que revela o ser das coisas, conforme afirma em entrevista:

É muito estranho falar do ser das coisas, esse ser eu não dou conta de pegar o ‘ser’ de uma rosa, de um rio, de uma paisagem ou de um rosto, mas a arte ela faz isso, ela apreende, ela nos revela, nos remete à beleza suprema se nós estivermos despidos do orgulho, da razão e da lógica. Não é o que está sendo dito, mas como está sendo dito. Não é a coisa, mas como ela se move através da mão do criador e é isso que nós chamamos forma. Não é o que está se mostrando, mas como se mostra (PRADO *apud* ALMEIDA, 2012, s/p).

Em entrevista, Adélia diz que “a arte fala de absolutamente tudo porque qualquer coisa é a casa da poesia. Ela não escolhe tema nem enredo, nem assunto. Ela pousa onde lhe apraz. A arte consola, conforta, é pão espiritual” (PRADO *apud* ALMEIDA, 2012, s/p). De acordo com o que foi dito por Adélia, pode-se depreender que há uma fome em cada ser humano, um vazio que alimento material algum pode saciar, uma necessidade de algo superior, de transcendência. Para a poeta, quando o ser humano busca a arte, esta o remete à busca espiritual, com o intuito de sanar a fome da alma.

Affonso Romano de Sant’Anna é um dentre tanto autores que elegeram Adélia como a poeta do cotidiano. Nesse sentido, muitos críticos de sua obra compreenderem como uma coisa só a vida real e a literatura adeliânica: “[Adélia] estava falando definitivamente na primeira pessoa. (...) é a primeira poeta brasileira que tem marido e filhos, que cuida da casa, que tira poeira, traz legumes da horta e tem alucinações eróticas” (SANT’ANNA *apud* GOMES, 2012). Já o editor Pedro Paulo de Sena Madureira, relata acerca da obra adeliânica, que “a poesia que Adélia escreve é o que ela é. Não há essa divisão entre a mulher e a obra. São a mesma coisa” (MADUREIRA *apud* GOMES, 2012).

1.2.1. Influência Literária

Adélia Luzia Prado de Freitas nasceu em Divinópolis, Minas Gerais, no dia 13

de dezembro de 1935. Seus primeiros versos foram escritos após o falecimento de sua mãe, em 1950. As influências literárias com que, implicitamente, a poeta mais se identifica são: Murilo Mendes, Fernando Pessoa, Castro Alves e, sobretudo, Carlos Drummond de Andrade, seu “anjo esbelto”. Percebemos, também, nas diversas entrevistas dadas por Adélia, o grande apreço que a mesma tem por João Guimarães Rosa e Clarice Lispector (ARAÚJO, 2011, p.22).

A influência paterna pode ser percebida como fonte propulsora na formação da escrita adeliana. Em entrevista, a autora expõe que, após a morte de seu pai, passou a escrever de uma forma diferenciada e confessa ter encontrado uma fala e escrita próprias.

Moça feita, li Drummond a primeira vez em prosa. Muitos anos mais tarde, Guimarães Rosa, Clarice. Esta é minha turma, pensei. Gostam do que eu gosto. Minha felicidade foi imensa. Continuava a escrever, mas enfadara-me do meu próprio tom, haurido de fontes que não as minha. Até que um dia, propriamente após a morte de meu pai, começo a escrever torrencialmente e percebo uma fala minha, diversa da dos autores que amava. É isto, eu disse é a minha fala (PRADO *apud* MOLITERNO, 2002, p.9)

A criação literária de Adélia Prado revela a visão ousada de uma mulher cristã que enxerga a hierofania na realidade, nas situações cotidianas e no próprio corpo. Desta forma, a autora apresenta o corpo como espaço de manifestação do sagrado:

Esse corpo, antes reprimido pela teologia agostiniana, é, só inocência e beleza, repleto de desejos que correspondem à sua própria natureza. O corpo é a ferramenta humana que guarda, busca e conhece experiências. É também uma ferramenta que sente e comunica a presença de Deus, além de ser o espaço de intensas coletâneas de sensações (COSTA JR., 2012, p. 176).

A poesia, independentemente das crenças do poeta, permite que o sujeito crie um elo de sentidos tal como o faz a fé religiosa. Segundo Adélia, é por isso que a poesia é tão consoladora, dá tanta alegria, conforme relata:

Minha formação é religiosa, confesso o que creio e é impossível que nossas profundas convicções desapareçam quando escrevemos. Seria esquizofrênico. Mística e poesia são braços do mesmo rio. Deus me deu o segundo, mas a fonte é a mesma, o Espírito Divino. Ela vem, eu diria como Guimarães Rosa, da terceira margem da alma. O poeta é só o ‘cavalo do Santo’, queira ou não (PRADO *apud* CUNHA, 2014, s/p).

A escrita poética pode ser apresentada como uma forma particular de enfrentar as experiências cotidianas, quer sejam atuais ou trazidas do passado por meio das lembranças. Ela se torna concreta através do diálogo com outros poetas e com os leitores, representando a forma como cada qual percebe e narra o cotidiano que os circunda, revelando-se como um dom (CAPELLARI, 2013, p. 26).

Desde sua primeira obra, intitulada *Bagagem*, Adélia apresenta a proximidade entre seu cotidiano doméstico e o elemento sagrado, que a convida a compor e do qual não consegue distanciar-se. Em vários poemas, a autora apresenta metáforas de situações vivenciadas, sua fé, cultura, formação religiosa e desejos expressos em súplicas, sussurros, segredos.

A poesia de Adélia é, ao mesmo tempo, um pedido e um agradecimento. Ela roga e reconhece os benefícios divinos, a condição de imperfeição humana que tem tempos diferentes do de Deus, que é “eterno”, tal como pode ser percebido na poesia “*Mulher ao cair da tarde*”.

Ó Deus,
 Não me castigues se falo
 Minha vida foi tão bonita!
 Somos humanos,
 Nossos verbos têm tempos
 Não são como o Vosso
 Eterno (PRADO, 2015, p. 343)⁹.

Adélia faz uso da intertextualidade em diversos de seus textos. Nesse caso, pode ser notada a influência de Drummond, tal como no poema a seguir:

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto, desses que tocam trombeta, anunciou: vai carregar bandeira. Cargo muito pesado pra mulher, esta espécie ainda envergonhada. Aceito os subterfúgios que me cabem, sem precisar mentir. Não sou tão feia que não possa casar, acho o Rio de Janeiro uma beleza e ora sim, ora não, creio em parto sem dor. Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina. Inauguro linhagens, fundo reinos -- dor não é amargura. Minha tristeza não tem pedigree, já a minha vontade de alegria, sua raiz vai ao meu mil avô. Vai ser coxo na vida é maldição pra homem. Mulher é desdobrável. Eu sou (PRADO, 2015, p. 17)¹⁰.

A missão assumida por Adélia é anunciada por um “anjo esbelto” (Idem), ou

⁹ *Mulher ao Cair da Tarde* (PRADO, *Oráculos de Maio*, 2013, p.46).

¹⁰ *Com licença poética* (PRADO, *Bagagem*, 2009, p.09; PRADO, *Poesia Reunida*, 1991, p.11).

seja, provém de fonte divina. Seu destino é o de “carregar bandeira”, “inaugurar linhagens” e “fundar reinos” (Idem), transformando a figura feminina em protagonista da narrativa de sua própria vida e influenciando a outros e outras, através das situações corriqueiras que envolvem seu cotidiano e seu dom de escrever.

A autora revela que a mulher é, ainda, uma “espécie envergonhada” (Idem), ou seja, ainda não desbravou tudo aquilo que é capaz de conquistar. Revela que o que sente, escreve. Ela denota algo que sai do universal para o particular, um traço bem marcante em sua forma de escrever, presente em grande parte de sua obra. Entretanto, ao mesmo tempo, sai do particular, tornando-se capaz de abranger o universal.

Para Adélia, “dor não é amargura” (Idem). A dor, assim como a alegria, é passível de poesia. A autora ainda conclui que a mulher é desdobrável, pode ser mil em uma, valorizando os diversos papéis que o feminino é capaz de representar ao mesmo tempo. Finalmente, Adélia encerra que ela também é desdobrável, assumindo, para si mesma, a postura de credibilidade do feminino.

Adélia Prado, ao longo de mais de 40 anos de produção literária, participou de diversas entrevistas na imprensa escrita, televisiva, em blogs e eventos. Dois questionamentos focais sempre aparecem e Adélia sempre os responde diretamente: “a indagação sobre o seu processo criativo e sua crença na inspiração, e um posicionamento a respeito do caráter religioso de sua poesia” (MOREIRA 2010, p. 11). Tais questões e indagações recorrentes remetem a uma marca distintiva em sua obra: a inspiração e a religiosidade; a poesia como fonte pela qual a divindade emana de forma livre e sublime.

Segundo Affonso Romano de Sant’Anna, Adélia pode ser comparada a Clarice Lispector, no que diz respeito à presença de uma linguagem pronta e própria. Somado a isto, ressalta que ambas possuem o dom “epifânico” na poesia; trazem, de forma abrupta e inesperada, revelações profundas que atordoam e mobilizam seus leitores. Sobre a poeta, o autor ressalta ainda: “Adélia pertence à raça dos mágicos e, diria, bruxos, se não a soubesse católica com uma fé de fazer inveja ao vigário” (PRADO, 2015, p. 485).

Para Massi (PRADO, 2015, p. 495), os quarenta anos ruminados por Adélia, antes que sua primeira obra, *Bagagem*, estreasse na literatura brasileira, foi um tempo essencial de busca, descobertas e inteireza. Sua obra inaugural foi maturada, compondo, como o próprio nome já elucida, uma bagagem, uma identidade, uma

intenção e alguns princípios. Em sua carta de apresentação, a própria Adélia afirma: “Não sou matrona, mãe dos Gracos, Cornélia / sou é mulher do povo, mãe de filhos, Adélia” (PRADO, 2015, p. 495). A produção literária, realizada na maturidade, revela audácia, autocrítica e estilo próprio e inconfundível, daquela que se declara mulher do povo, mãe, voz feminina que traz frescor à literatura brasileira, já dizendo a que veio e quais os caminhos se propunha a percorrer, tal como pode ser observado ao longo de sua produção poética.

1.2.2. A crítica literária à poesia do cotidiano

Segundo Araújo (2011, p. 24), o que desperta o interesse da maioria dos críticos pela obra adeliana é a singularidade de sua escrita em relação aos demais poetas de sua geração, aliada a um linguajar simples e corriqueiro, imerso na cotidianidade. A esse respeito, Vera Queiroz pontua:

Adélia parece vir ao encontro de algo novo que despontava no horizonte de expectativas da sociedade brasileira: o resgate do corpo politicamente erotizado, a denúncia dos mecanismos de poder que atuam nas instituições sociais e disseminam-se nas relações intersubjetivas, a descaracterização da macropolítica como instância única capaz de levar a cabo as transformações exigidas pela sociedade. Tais questões, que começavam a ser colocadas na série social brasileira, perpassam a obra de Adélia e indicam uma atitude poética nova, singularizada pela transformação da vida cotidiana em matéria de poesia. Esse novo, essa rasura que a poesia de Adélia traz, talvez se possa chamar de uma transcendência do banal, uma aceitação e um entendimento da expressividade da vida diária e feminina. Nela cabem todos os temas que têm alimentado a poesia de todos os tempos: vida, morte, sonhos, comunhão mística com Deus e com as palavras. Mas é na apreensão dos pequenos gestos e das situações particulares que ele imprimirá sua marca e diferença poéticas (QUEIROZ, 1994, p. 02).

Para Adélia, uma linguagem que fale do cotidiano deve estar em conformidade com a narrativa coloquial. Desta forma, a regra gramatical não é o ponto primordial a ser considerado em sua linguagem escrita. Sua poesia expressa o dia a dia, e sua forma de escrever é tal como a vida, cheia de nuances, resultantes de um entrelaçamento de experiências vividas e/ou observadas, sendo a linguagem multiforme e repleta de variantes, de acordo com o que se anseia expressar. Sobre a linguagem adeliana, Gomes (2012) destaca que:

Para Adélia, a linguagem e a paisagem externa, objetos de amor do eu lírico, são tratadas como coisas, materialidade. Não é a razão – a decodificação do signo ou a análise minuciosa do cenário natural – que proporciona esse conhecimento, mas a despojada contemplação da beleza que há no mundo textual e extratextual (das palavras-coisas: granito, lápide, crepe, mármore, sol, lixívia, baldes, vassouras, dívidas e medo) (GOMES, 2012, p. 30).

Os lugares narrados, em poesia, são próprios do cotidiano de uma cidade interiorana: igrejas, pomares, galinheiros, janelas velhas, jardins etc. O eu lírico de Adélia acompanha-a por onde quer que perpasse seu campo de visão. Segundo as palavras da autora, “não (é) por isso que você é poeta do cotidiano ou poeta da metafísica. A metafísica está aí nessas coisas. [...] preocupar-se com aquilo que é absolutamente natural é a grande riqueza, aquilo que é o dado imediato da vida” (PRADO *apud* MARTINUZZO, 2014, p. 07).

Adélia extrai do dia a dia todo o material de construção para desenvolver suas temáticas, sejam espirituais, existenciais ou experienciais, sendo o cotidiano a base norteadora de seus versos: “A poesia, assim, não precisa de grandes temas, uma vez que não é aquilo que ‘se diz’. Assim Adélia comprova que é possível ‘criar’ a partir do meio que a rodeia, utilizando sua espiritualidade” (DOURADO, 2004, p. 55).

Em entrevista, Adélia define poesia da seguinte forma: “A poesia é a estranheza que a coisa me provoca; uma estranheza fundada na beleza” (PRADO *apud* LAUAND, 1997, s/p). Desta forma, o incômodo gerado pela permeabilidade das coisas no ser produz os versos poéticos. O que causa espanto, ao invés de distanciar, é o que instiga a poeta a escrever e tecer poesias. O concreto torna-se, então, a base para transformar acontecimentos em palavras.

Para Adélia, a poesia tem a capacidade de reter em si o que há de belo no mundo; beleza esta que ultrapassa os rigores estéticos, que expressa aquilo que pulsa e grita no humano, que quer ter voz e vez, que aponta para o sagrado da e na existência, “pois, se tudo o que eu sinto esbarra em Deus, a experiência de transcendência ocorre no miúdo do cotidiano e a beleza não será encontrada no extraordinário, e sim em pequenas vivências do homem-humano” (OLIVEIRA, 2012, p.196).

Adélia ressalta, em outro momento da entrevista, aqueles que seriam os grandes temas a serem elencados em sua poesia:

O grande tema é o real, o real; o real é o grande tema. E onde é que nós temos o real? É na cena cotidiana. Todo mundo só tem o cotidiano e não tem outra coisa. Eu tenho esta vidinha de todo dia com suas necessidades mais primárias e irremediáveis. É nisso que a metafísica pisca para mim. E a coisa da transcendência, quer dizer: a transcendência mora, pausa nas coisas... está pousada ou está encarnada nas coisas (PRADO *apud* LAUAND, 1997, s/p).

Real e cotidiano, eis, para ela, a fonte inspiradora e criativa de sua obra. Sagrado e miudezas cotidianas, entrelaçadas num mesmo viés, dependentes entre si: mote sobre o qual a autora tece sua poesia. E, tal como o ato poético, o transcendente pausa em tudo o que está ao seu redor e se hierofaniza no profano. Segundo Adélia, o que a faz enxergar algo além do banal na cena cotidiana é a presença divina, e esta se efetiva por meio da poesia, como pode ser percebido no verso: “De vez em quando Deus me tira a poesia. Olho pedra e vejo pedra mesmo”¹¹ (PRADO, 2015, p.146). Desta forma, a arte é movida pela inspiração divina que se revela no cotidiano.

Pode-se compreender, a partir do que foi relatado, que a poética do cotidiano perpassa toda a escrita adeliânica. O cotidiano é a matéria-prima e o cenário onde seu enredo poético é tecido. Adélia murmura, ao ouvido do leitor, seus medos, angústias, incertezas e descobertas diárias de coisas que vivencia em seu dia a dia doméstico, maternal, filial e teologal. Fala das coisas banais e corriqueiras, mas também do sublime, do sagrado e de ambos, enlaçados no contexto do cotidiano.

1.3. O COTIDIANO COMO EXPRESSÃO DO SAGRADO NA OBRA DE ADÉLIA PRADO

A poética do cotidiano, em Adélia, direciona seu olhar ao que transcende a sua realidade. No entanto, para a poeta, o sagrado e o profano andam juntos, imersos no cotidiano como faces de uma mesma moeda.

O conceito de cotidiano, abordado ao longo deste estudo, refere-se ao sentido literal do mesmo, que é o abordado pela autora, ou seja, designa aquilo “que ocorre todos os dias, particular do dia-a-dia, diário, que não é extraordinário, mas a reunião dos atos habituais e permanentes que uma pessoa desenvolve no decorrer do seu dia; dia a dia” (DÍCIO - Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cotidiano/>. Acesso em: jan. 2018).

¹¹ *Paixão* (PRADO, *O Coração Disparado*, 2006, p. 93; PRADO, *Poesia Reunida*, 1991, p. 199)

Pode parecer complicado admitir que cada um de nós possui apenas o cotidiano e que este é ordinário a todos. Conforme revela Adélia:

A cada um de nós, cabe à vida comum, o cotidiano. E eu tenho a absoluta convicção que é atrás e através do cotidiano que se revelam à metafísica. E complementa: A vida é extraordinária. Todos nós queremos no nosso 'currículo da vida' um ato heroico, às vezes o ato mais heroico da nossa vida é o mais anônimo, é o mais silencioso, que só Deus sabe. Isso que é a maravilha (PRADO *apud* ALMEIDA, 2012, s/p).

O universo feminino é relatado de forma bem ampla nos versos adelianos. É possível, à leitora, perceber-se em muitas situações cotidianas ali relatadas, questionar-se e se encontrar. Sentir-se como parte do enredo e presente nele, reavaliando muitas posturas tomadas, revisitando lugares e paisagens escondidos em sua memória, lançando novo olhar sobre as situações vividas. A poesia desperta a visão contemplativa, aguça os sentidos. Mais do que ser lida, ela precisa ser sentida e experimentada em sua integralidade.

O universo cotidiano adeliانو realiza-se por meio do enlace entre a simplicidade e o amor ao Criador, que é refletido no amor deste para com a criatura. A esse respeito, afirma a própria Adélia (2000, p.23): “a oração verdadeira está unguida de mistérios, portanto de beleza, portanto de poesia”. Nos versos adelianos, pode-se perceber um eu lírico que se sente amparado pela misericórdia divina. Ela está sempre acompanhada por sua presença, próxima a Ele em tudo o que faz e realiza, de modo que o cotidiano converte-se em um lugar privilegiado da manifestação divina (DOURADO, 2004, p. 53).

A poesia de Adélia é delineada na trivialidade do dia a dia, onde o cotidiano, ao invés de ser banalizado, é colocado em lugar de destaque, por meio dos relatos de situações corriqueiras. A questão familiar consiste no núcleo do discurso adeliانو. O sagrado manifesta-se nas situações ordinárias da vida, em suas emoções, memórias da infância, descrição da natureza, levando o leitor a uma reflexão pessoal sobre como Deus pode ser encontrado na simplicidade. Assim, apesar do Sagrado ser extraordinário, ele manifesta-se no ordinário, fazendo-se acessível a todos, indistintamente. Para Adélia, “no espaço do poema tudo é sagrado. O sagrado, portanto, é a poesia. E a poesia não comporta divisões hierárquicas, separações valorativas. A experiência pessoal é basilar na construção de sua poesia” (ALVES, 2014, p. 133). Desta forma, Adélia amplia a visão sobre a

relação do humano com o sagrado nas diversas religiosidades, visto que esta relação está diretamente ligada a uma experiência pessoal e não a uma religião específica. Além disso, coloca a poesia num lugar de sacralidade e de instrumento de revelação do Real, transformando-a em uma ponte entre o humano e o divino.

1.3.1. Poesia como expressão do sagrado

O sagrado que perpassa a obra adeliana, e que pela autora é narrado, pode ser entendido como resultado da tradição cristã católica na qual Adélia está inserida. A autora elenca, ao longo de seus versos, símbolos e elementos religiosos católicos. Porém, para ela, toda a poesia, independentemente de ter sido escrita por um ateu ou por uma pessoa religiosa, traz em sua essência o aspecto religioso, conforme pode ser notado em entrevista concedida pela autora:

No texto de um poeta ateu, o substrato de sua poesia é o mesmo no de um poeta crente. Porque o fenômeno poético é religioso em sua natureza. A poesia, independentemente da crença ou não crença do poeta, nos liga a um centro de significação e sentido, assim como o faz a fé religiosa. Por isso é que a poesia é tão consoladora, dá tanta alegria. Minha formação é religiosa, confesso o que creio e é impossível que nossas profundas convicções desapareçam quando escrevemos. Seria esquizofrênico. Mística e poesia são braços do mesmo rio. Deus me deu o segundo, mas a fonte é a mesma, o Espírito Divino (PRADO *apud* BRASIL, 2013)

A poesia adeliana pode ser percebida como uma representação do mundo sagrado, um instrumento pelo qual o sagrado revela-se. Adélia expõe, no poema “*Direitos Humanos*”, o ser humano como casa onde Deus habita, o elevando-o à condição de “melhor morada”, aquele através do qual o sagrado pode perceber o que o circunda. No entanto, a letra é daquele que escreve, ou seja, o homem é livre e responsável pela narrativa de sua vida. O homem é ainda a “paisagem” de Deus, aquele por meio do qual a divindade pode ser vista, percebida e identificada, aquele que pode ser também moldado à imagem e semelhança do Criador, tal como uma experiência alquímica, aquele que serve de olhos através dos quais Deus pode visualizar e enxergar o mundo. Um instrumento, uma morada; porém, autônomo e livre, capaz de redigir seu próprio trajeto e fazer suas próprias escolhas.

Direitos humanos

Sei que Deus mora em mim como sua melhor morada.
Sou sua paisagem, sua retórica alquímica seus dois olhos.
Mas esta letra é minha (PRADO, 2015. p. 69)¹².

A poesia "*A formalística*" pode ser entendida como um questionamento sarcástico que Adélia faz a um jeito de escrever lapidado, que se preocupa demasiadamente com a forma, deixando de lado, muitas vezes, o conteúdo do que será escrito:

A formalística

O poeta cerebral tomou café sem açúcar e foi para o gabinete concentrar-se. Seu lápis é um bisturi que ele afia na pedra, na pedra calcinada das palavras, imagem que eleger porque ama a dificuldade, o efeito respeitoso que produz seu trato com o dicionário. Faz três horas já que estuma as musas. O dia arde. Seu prepúcio coça. Daqui a pouco começam a fosforescer coisas no mato. A serva de Deus sai de sua cela à noite e caminha na estrada, passeia porque Deus quis passear e ela caminha. O jovem poeta, fedendo a suicídio e glória, rouba de todos nós e nem assina: 'Deus é impecável'. As rãs pulam sobressaltadas e o pelejador não entende, quer escrever as coisas com as palavras (PRADO, 1991. p. 376)¹³.

Em "O poeta cerebral" (Idem), enfatiza que o que está em foco é a razão, função deste poeta formal que "tomou café sem açúcar" (Idem), saboreou o amargor e precisou deter-se em horas infundáveis de manuseio das palavras, tal qual um cirurgião com seu bisturi, escolhendo cada qual detalhadamente, em busca da perfeição, e que, ao final, nem assina que "Deus é impecável", para realçar que o trabalho foi exclusivamente seu e a si devem ser dadas todas as glórias e honrarias.

Adélia expõe, desta forma, no decorrer dos versos, a importância da espontaneidade na criação artística, confrontando a escrita racional, que exige metodologia e cansaço laboral. Ressalta que a "serva de Deus" (Idem), ou seja, a poeta, enquanto instrumento do Criador, sai, passeia, contempla, porque Deus quis caminhar ao invés de ficar preso no gabinete. Ela lamenta que o "pelejador" (Idem), nome atribuído a quem escreve com a razão, não entenda que, "as rãs pulam sobressaltadas" (Idem), isto é, que a poesia surge de forma leve, livre, imprevisível, de modo que não precisa, e nem deve, ser escrita com a razão, mas com o sentimento. Para Adélia, a poesia deve ser fruto do puro relato da emoção.

Confirmando a posição sobre a forma de escrita poética, defendida por

¹² *Direitos Humanos* (PRADO, Oráculos de Maio, 2013, p.69).

¹³ *A formalística* (PRADO, *A Faca no Peito*, 2007, p.13; PRADO, *Poesia Reunida*, 1991, p.376).

Adélia, ela diz em entrevista: “A literatura e a poesia é expressiva, é igual flor no pé, cachoeira caindo, é um fenômeno natural. Então eu não posso manipular, nem dar uma intenção nisso não. A poesia escapa a essas manipulações” (PRADO *apud* ENTREVISTA COM A ESCRITORA MINEIRA ADÉLIA PRADO).

Para Stroparo (1995, p.69), a poesia de Adélia Prado é um convite à celebração do cotidiano, percebendo na vida uma dádiva divina. Sua crença religiosa atravessa seus versos, ou seja, cada situação cotidiana, embora possa ser regada de sofrimento, não se apresenta como fardo, pois Deus faz-se próximo, e a auxilia, fazendo-se presente de uma forma tão intensa, que a autora dirige-se a Ele por várias vezes, com tamanha humanidade, intimidade e proximidade, que transforma a sua relação com o divino na mais pura poesia, tal como pode ser observado no poema abaixo:

Ex Voto

Na tarde clara de um domingo quente surpreendi-me, intestinos urgentes, ânsia de vômito, choro, desejo de raspar a cabeça e me pôr nua no centro da minha vida e uivar até me secarem os ossos: que queres que eu faça, Deus? Quando parei de chorar o homem que me aguardava disse-me: ‘você é muito sensível, por isso tem falta de ar’. Chorei de novo porque era verdade e era também mentira, sendo só meio consolo. Respira fundo, insistiu, joga água fria no rosto, vamos dar uma volta, é psicológico. Que ex-voto levo à Aparecida, se não tenho doença e só lhe peço a cura? Minha amiga devota se tornou budista, torço para que se desiluda e volte a rezar comigo as orações católicas. Eu nunca ia ser budista, por medo de não sofrer, por medo de ficar zen. Existe santo alegre ou são os biógrafos que os põem assim felizes como bobos? (...) Quase entendo a razão de minha falta de ar. Ao escolher palavras com que narrar minha angústia, eu já respiro melhor. A uns Deus os quer doentes, a outros quer escrevendo (PRADO, 2015, p. 348)¹⁴.

No poema acima, Adélia exprime seu caráter devocional a Maria, ou Nossa Senhora Aparecida. O poema inicia-se com a expressão do sentimento de angústia e desespero diante da vida, manifestados pela ânsia de vômito, choro, além de um desejo de encontro consigo mesmo, de uma busca existencial: “me pôr no centro da minha vida” (Idem). Em meio a tal sensação de deslocamento e de não saber o que fazer, que rumo tomar, suplica a Deus que a auxilie e oriente: “que queres que eu faça Deus?” (Idem). Adélia expõe, também, a sua sensibilidade e emotividade frente às situações cotidianas e mesmo à experiência religiosa, de uma forma imersa, inteira e intensa: “você é muito sensível, por isso te falta o ar” (Idem). A sensibilidade

¹⁴ *Ex-voto* (PRADO, *Oráculos de Maio*, 2013, p.77).

é o que lhe tira o ar; mas é, ao mesmo tempo, o que lhe trará o alívio. Eis a ambiguidade.

A autora narra a trajetória das romarias à Aparecida; e ela, apesar de não ter doenças, pede a cura, que pode ser interpretada como o pedido de cura da alma e fortalecimento da fé. Mais adiante, no mesmo poema, a autora reforça, como parte de sua identidade católica, o sofrimento humano, etapa necessária na trajetória da vida: “minha amiga devota se tornou budista, torço para que se desiluda e volte a rezar comigo as orações católicas. ‘Eu nunca ia ser budista, por medo de não sofrer, por medo de ficar zen’” (Idem).

No entanto, não é só de tristeza e sofrimento que a autora julga ser feita a vida do cristão, como descreve na interrogativa que se segue: “existe santo alegre ou são os biógrafos que os põem assim felizes como bobos?” (Idem). Nesse trecho, a autora revela, de forma explícita e irônica, sua religiosidade e catolicidade na poesia, na qual é possível perceber, de maneira direta, a relação entre poesia e experiência religiosa. Adélia conclui o poema falando sobre o que levaria como seu ex-voto à Aparecida e sobre a missão de escrever. A escrita lhe acalma das angústias, ela é sua cura e sua doença, causa de sua falta de ar e, ao mesmo tempo, de seu alívio: “ao escolher palavras com que narrar minha angústia, eu já respiro melhor. A uns, Deus os quer doentes, a outros quer escrevendo” (Idem).

1.3.2. Experiência religiosa como pano de fundo na poesia adeliana

Em Adélia Prado, a experiência religiosa não pode ser detida pela rigidez teológica. Sob o ponto de vista da autora, a experiência com Deus é algo que desaloja, causa incômodo. A autora revela:

Deus é um incômodo! Sua força e seu significado residem nisto: em fazer com que as experiências dos humanos com Ele sejam sempre experiências marcantes; experiências que não são removíveis e, por isso, ganham um lugar seguro na ruptura do nosso silêncio” (PRADO *apud* CONCEIÇÃO, 2012, p. 48).

A presença do maravilhoso, do sublime e do divino é expressa na práxis cristã católica, revelada pelo eu adeliano. Esse numinoso, que perturba e é revestido de mistério, é, segundo Adélia, capaz de arrebatá-lo, raptá-lo e arrastá-lo aquele que se

deixa “distrair” em sua presença, o que pode ser percebido no poema abaixo:

Rapto

A hora em que nada parece estar errado, nem os monturos com seus sacos plásticos, o invisível te arrepiam os pêlos. Uma vez, num bando de passarinhos disputando sementes. Hoje, na grama baixa onde cabras pastavam. Quando a máxima atenção te deixa distraído, o sequestrador te pega, e diferente daqui conhecerás o lugar onde quem desperta repousa (PRADO, 2015, p. 469)¹⁵.

No poema *Guia*, a poesia funciona como um véu, que vela e, ao mesmo tempo, revela a presença divina. A autora manifesta a experiência sentida e percebida por meio de sua vivência religiosa, elucidando-a por meio dos símbolos católicos, tal como o crucifixo que trouxe de Congonhas do Campo.

Guia

A poesia me salvará. Falo constrangida, porque só Jesus Cristo é o Salvador, conforme escreveu um homem - sem coação a simbologia alguma - atrás de um crucifixo que trouxe de lembrança de Congonhas do Campo. No entanto, repito, a poesia me salvará. Por ela entendo a paixão que Ele teve por nós, morrendo na cruz. Ela me salvará, porque o roxo das flores debruçado na cerca perdoa a moça do seu feio corpo. Nela, a Virgem Maria e os santos consentem no meu caminho apócrifo de entender a palavra pelo seu reverso, captar a mensagem pelo, conforme sejam suas mãos e olhos. Ela me salvará. Não falo aos quatro ventos, porque temo os doutores, a excomunhão e o escândalo dos fracos. A Deus não temo. Que outra coisa ela é senão Sua Face atingida da brutalidade das coisas? (PRADO, 2015, p. 49)¹⁶.

Para Adélia, a poesia é fonte de salvação, ao proporcionar a compreensão da Paixão que Cristo teve pela humanidade. A poesia vê o mundo com um olhar puro e singelo, que não discrimina, nem exclui.

Assim, a autora conta que, por meio da poesia, é possível fazer uma releitura dos textos bíblicos, da liturgia e da vida dos santos. Ela desperta os sentidos e impregna o ser daquilo que experimenta com um novo olhar, que se faz presente no decorrer dos versos. No entanto, Adélia afirma não anunciar aos quatro cantos que a “poesia me salvará” (Idem), pois teme ser mal interpretada e, até mesmo, excomungada pela Instituição à qual pertence, uma vez que o lema ali apregoado é “só em Cristo há Salvação”. Prado não teme ser punida por Deus, pois ela o vê

¹⁵ *Rapto* (PRADO, *Miserere*, 2013, p.71).

¹⁶ *Guia* (PRADO, *Bagagem*, 2009, p.63; PRADO, *Poesia Reunida*, 1991, p.61).

como a face da poesia.

A dimensão temporal em Adélia é eterna, tal como os objetos e as lembranças, cabendo ao sujeito “andejar em sua direção, nomeando-os e produzindo-lhes os lugares” (FONTENELLE 2001, p. 47). Esta dimensão temporal pode ser percebida no poema *Adoremus*: “Foi quando entoava com voz carnal ‘Jesus Christie’ que o real se mostrou para além da imagem. Nos olhos, não. No olhar é que vi o cerne da vida e era estático” (PRADO, 2015, p.424)¹⁷.

Dessa forma, destaca-se a capacidade transcendental da poesia, visto que ela consegue algo só possível para Deus: a ruptura do tempo e do espaço.

Quem sussurra os versos é Deus, mas a mão que segura a pena é dela. Em síntese, a poesia nasceria do encontro de Deus com o homem, do conluio entre eternidade e efemeridade, da mistura entre o confortável e o desagradável, da aceitação do bem e do mal porque ela é filha do embate dos opostos do mundo (PRADO *apud* Costa, 2005, p. 14).

Segundo Octavio Paz, “a poesia é um convite a viver e reviver aquilo que há de mais sagrado. A poesia institui uma experiência religiosa e de vida que perpassa pelo corpo” (PAZ *apud* OLIVEIRA, 2012, p. 5). Nesta mesma perspectiva, a corporeidade, em Adélia, é revelada de forma livre. Adélia Prado traz uma nova concepção de erotismo, identificando o caráter sagrado do sacrifício de Cristo com a experiência da carne, o que pode ser elucidado no poema a seguir:

Festa do Corpo de Deus
 Ó *crux ave, spes única, Ó passiones tempore*’. Jesus tem um par de nádegas! Mais que Javé na montanha esta revelação me prostra. Ó mistério, mistério, suspenso no madeiro o corpo humano de Deus. É próprio do sexo o ar que nos faunos velhos surpreendo, em crianças supostamente pervertidas e a que chamam dissoluto. Nisto consiste o crime, em fotografar uma mulher gozando e dizer: eis a face do pecado. Por séculos e séculos os demônios porfiaram em nos cegar com este embuste. E teu corpo na cruz, suspenso. E teu corpo na cruz, sem panos: olha para mim. Eu te adoro, ó salvador meu que apaixonadamente me revelas a inocência da carne. Expondo-te como um fruto nesta árvore de execração o que dizes é amor, amor do corpo, amor (PRADO, 2015, p. 207)¹⁸.

O nome da poesia já traz embutido, em si, o enredo que está associado à Celebração de Corpus Christi. Tal como afirma Portella:

¹⁷ *Adoremus* (PRADO, *A Duração do Dia*, 2011, p. 82).

¹⁸ *Festa do Corpo de Deus* (PRADO, *Terra de Santa Cruz*, 2006, p. 69, PRADO, *Poesia Reunida*, 1991, p.279).

[...] na Igreja Católica tal festa, de Corpus Christi, revela Jesus Cristo presente na hóstia consagrada. A hóstia é um tipo de pão branco, amorfo, sem formato de corpo. Adélia, entretanto, aponta para outra forma de compreender a presença sacramental de Cristo: através do corpo em seus contornos e em sua nudez da cruz (PORTELLA, 2003, p.101).

Para Adélia, a cruz revela que o corpo é inocente e sagrado. Através dessa premissa, é possível lançar indagações provocativas: o que é sagrado? O que é profano? O que é pecado? A qual Deus devo louvar? Diante de qual Deus devo me prostrar? O corpo, antes velado, é, então, revelado, nu e com nádegas, como morada de Deus, na qual o mesmo encarnou.

Deus que não quis ser apenas Espírito, assumindo a corporeidade humana e fazendo-se um, entre todos os outros. Desta forma, Adélia desconstrói a imagem dogmática e logocêntrica do Deus cristão, através da referência à humanidade divina em Cristo, que se torna a expressão do amor encarnado.

Outro ponto a ser ressaltado no poema consiste no fato de que a revelação do Cristo despido dá-se de forma festiva. Festa do Corpo de Deus, em que Cristo é percebido em sua integralidade, dotado de sexualidade, expondo o que há de mais humano, sem perder, contudo, a sua sacralidade.

Conforme afirma Conceição (2012, p.48), ainda que pareça escandaloso para a Igreja admitir, Jesus tem, sim, um par de nádegas. O Cristo na cruz, exposto no símbolo cristão, aparece quase nu, revestido apenas por pequenos panos que cobrem suas partes íntimas. A arte, especialmente a literatura, amplia uma nova visão de Deus, fruto também da experiência religiosa da autora.

A autora chama a atenção para a encarnação do divino que se sujeitou a todas as vicissitudes da condição humana, desde a dor, a vergonha, a amargura e a vivência de uma paixão ilimitada, que o levou a uma exposição integral. Um Cristo humano e carnal, exposto às limitações e indagações humanas. Um ser divino, dotado de corpo e alma, de uma sacralidade imersa na profanidade. A encarnação divina, que viveu e participou intensamente da vida humana, consumindo-se por inteiro pela humanidade.

A poesia retoma o Cristo como corpo, mas também nos remete a Ele como pão que foi transubstanciado na hóstia, de acordo com a doutrina católica.

A revelação divina pode, também, ser percebida no poema *O ajudante de Deus*: “Invoquei o Santo espírito, Ele me disse: sofre, come na paciência esta amargura, porque tens boca e eu não. Toma o pequeno cálice, massa de cinza e fel

não transmutados. É pão de mirra, come” (PRADO, 2015, p. 323)¹⁹.

A autora traz a questão da terceira pessoa da trindade, o Espírito Santo, dimensão não corpórea, revelada nos versos: “sofre, come na paciência esta amargura, porque tens boca e eu não” (Idem). Deus tem corpo e, por isso, pode e deve, sentir as dores, angústias e sofrimento da condição humana. A poesia ressalta, ainda, que o cálice traz massa de cinza e fel não transmutados; ou seja, Deus possui uma condição unicamente humana. A autora conclui que este é pão de mirra, relembrando um dos presentes ofertados ao Cristo na visitação dos Reis Magos, segundo a tradição católica.

No poema *O Poeta ficou cansado*, a autora retoma o pão, associado à divindade:

Pois não quero mais ser Teu arauto. Já que todos têm voz, por que só eu devo tomar navios de rota que não escolhi? Por que não gritas, Tu mesmo, a miraculosa trama dos teares, já que Tua voz reboa nos quatro cantos do mundo? Tudo progrediu na Terra e insistes em caixeiros-viajantes de porta em porta, a cavalo! Olha aqui cidadão, repara minha senhora, neste canivete mágico: corta, saca e fura, é um faqueiro completo!   Deus, me deixa trabalhar na cozinha, nem vendedor nem escrivão, me deixa fazer Teu pão. Filha, diz-me o Senhor, eu só como palavras (PRADO, 2015, p. 323)²⁰.

Como o próprio título sugere, a poetisa se cansou de escrever, quer sossego para realizar as coisas corriqueiras, e “não tomar rotas que não escolheu” (Idem). Ele contesta porque o “próprio Deus não grita já que Tua voz é capaz de atingir aos quatro cantos do mundo” (Idem). A poetisa pede a Deus, ainda, que a deixe fazer o pão, alimento concreto, na cozinha. No entanto, o pão que o Cristo solicita são as palavras.   possível notar a poesia, então, como fonte de manifestação do divino. A poeta assume o papel de arauto, instrumento através do qual o alimento-palavra pode ser ofertado, servindo, também, de alimento ao próprio Criador. Por essa razão, o sujeito do poema não precisa mais ir até a cozinha para “fazer” o pão, pois seu fazer poético é a fonte de alimento.

¹⁹ O ajudante de Deus (PRADO, *Oráculos de Maio*, 2013, p.11).

²⁰ O poeta ficou cansado (*Ibid*, p. 09).

2. O ESPAÇO SAGRADO E O ESPAÇO PROFANO EM ELIADE

O propósito deste capítulo é o entendimento da dualidade existente entre o sagrado e o profano, segundo a interpretação de Mircea Eliade²¹, assim como os desdobramentos deste conceito, como forma de embasar teoricamente a pesquisa em torno do estudo do sagrado no cotidiano na obra adeliãna.

Este capítulo será estruturado a partir das definições de termos utilizados pelo autor, tais como hierofania²² e *axis mundi*²³. Será estudado, ainda, o conceito de sagrado em Eliade, assim como a maneira pela qual é aplicado ao espaço e como este pode ser interpretado.

O autor busca, ao longo de seus estudos, a essência do fenômeno religioso, utilizando-se, para tal, da história comparada das religiões. No decorrer da pesquisa, a partir das obras publicadas por Eliade, será possível perceber que o foco de toda a sua investigação está exatamente na essência das religiões, ou seja, no sagrado.

Dois conceitos muito importantes para a compreensão do pensamento eliadiano, aludido em sua obra “O Sagrado e o Profano” serão abordados de forma enfática: o sagrado e o profano, visto que, para o autor, ambos se apresentam de forma dialética.

A estrutura dos estudos eliadianos dá-se para além da busca do conhecimento histórico e do fenômeno religioso. Ela abarca o resgate da origem primitiva do homem até as sociedades modernas, baseando-se na investigação e comparação dos elementos que se apresentam como indispensáveis nas mais variadas expressões religiosas.

Para uma melhor compreensão do sagrado, deve-se levar em consideração a quebra da relativa homogeneidade do espaço natural causada por ele, que escolhe o lugar em que a força transcendente se manifestará. O sagrado faz-se presente em um determinado local, a partir de uma hierofania, e, desta forma, não há mais como interpretar tal espaço, a não ser revestido de uma aura divina.

Eliade ressalta que tanto o sagrado quanto o profano são características e elementos duais, que acompanham todo o processo evolutivo do homem ao longo das gerações e se apresentam como duas faces de uma mesma moeda, uma

²¹ ELIADE, Mircea (1907 - 1986).

²² S.f.: do grego *hieros* (sagrado), e *faneia* (manifestação). Termo cunhado por Mircea Eliade em sua obra: Tratado de História das Religiões (Martins Fontes, 1993).

dualidade inerente à própria condição do ser humano. Iniciaremos este capítulo, no entanto, refletindo sobre um conceito primordial para a compreensão do sagrado e do profano na concepção eliadiana, que consiste na definição de hierofania.

2.1 HIEROFANIA

A palavra hierofania tem sua origem a partir da junção de dois vocábulos gregos: “hierós” (santo, sagrado) e “fanein” (manifestar). Hierofania significa, então, toda e qualquer manifestação do Sagrado. Desta forma, a hierofania não tem um lugar pré-determinado de ocorrer, abrangendo o espaço como um todo, seja o ambiente de trabalho, de estudos, o meio natural ou espiritual.

A hierofania não é algo pronto, mas algo que está por vir, que se renova constantemente, conforme os acontecimentos e fatos que movem um determinado ser ou grupo de pessoas. Tudo aquilo que é sentido, experimentado e amado pode tornar-se uma hierofania em uma determinada época e espaço. Esta dimensão hierofânica pode ser observada nos símbolos cristãos, como cruz e imagens, ou nos sacramentais, como água e óleo abençoados. Esta questão encontra-se elucidada na citação a seguir:

Quando o sagrado se manifesta por qualquer hierofania, não só há ruptura na homogeneidade do espaço, mas há também a revelação de uma realidade absoluta, que se opõe à não-realidade da imensa extensão envolvente. A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo (ELIADE, 2001, p.26).

O conceito de hierofania permeia toda a obra de Eliade, indicando a manifestação do sagrado, correspondente a um fenômeno religioso:

Hierofania pressupõe uma descontinuidade na experiência religiosa – visto que existe sempre, sob uma ou outra forma, uma ruptura entre o sagrado e o profano e uma passagem de um para outro, ruptura e passagem que constituem a própria essência da vida religiosa (ELIADE, 1993, p. 364).

²³ S.m.: em latim (centro do mundo).

Em seus estudos acerca das religiões, Eliade lança também um olhar especial para a experiência religiosa e para a forma como a mesma faz-se presente na existência humana. Segundo o autor, a experiência religiosa inicial do homem acontece por meio da manifestação do sagrado. Para ele, o sagrado é algo diferente do profano. Segundo o autor, existem duas modalidades de experiência: a sagrada e a profana, ou seja, duas maneiras diferenciadas de ser no mundo (ELIADE, 2001, p.17).

Corroborando a perspectiva anteriormente elucidada por Eliade, pode-se depreender que:

O sagrado manifesta-se como uma realidade que pertence a uma ordem diferente da ordem natural, sobre um objeto que pertence à mesma ordem natural: ou seja, o sagrado jamais se apresenta ao homem em seu estado puro ou em si mesmo. E o objeto profano no qual ele se manifesta jamais se torna o sagrado em si mesmo, apenas simboliza o sagrado. Situa-se nesta forma de mostraçã o sagrado a estrutura de sua camuflagem no profano: o sagrado traveste-se de profano, veste a roupagem do profano (MENDONÇA, 2015, p. 305)

A hierofania, ou manifestação do Sagrado, é essencial na fundação do mundo. A análise fenomenológica feita por Eliade realiza-se através do estudo investigativo da realidade primitiva humana, tanto a nível individual quanto coletivo, de diversos povos, culturas, etnias e religiões, como abordaremos no tópico a seguir.

2.1.1. A estrutura hierofânica do espaço sagrado

Tendo como ponto de partida a estrutura hierofânica, o Sagrado pode ser compreendido como aquele dotado de força (cratofania), conforme elucidada Eliade: “as hierofanias e cratofanias sempre nos revelaram uma escolha; o que é escolhido é implicitamente forte, eficaz, temido ou fértil, ainda que a escolha se faça pela singularização do insólito, do novo, do extraordinário” (ELIADE, 1993, p. 29).

Através da revelação do fenômeno religioso, Eliade busca interpretar e apontar o mundo à sua volta como “a mais nobre mensagem religiosa, a mais universal experiência mística, o mais comum dos comportamentos humanos – como, por exemplo, o temor religioso, o rito, a prece – singularizam-se e delimitam-se à medida que se manifestam” (ELIADE, 1991, p. 28). Desta forma, o sagrado e o profano, analisados ao longo de sua obra, constituem-se fundamentalmente como

formas diferentes de olhar, compreender e vivenciar o que está no mundo. Esta ideia encontra-se expressa na citação a seguir:

Os rochedos, as nascentes, as grutas, os bosques venerados no decurso da proto-história continuam, sob formas variadas, a ser tidos como sagrados pelas populações cristãs de hoje. Um observador superficial corre o risco de tomar por uma “superstição” este aspecto da religiosidade popular e de ver nele a prova de que toda a vida religiosa coletiva é constituída, em boa parte, por uma herança da pré-história. Na realidade, a continuidade dos lugares sagrados demonstra a autonomia das hierofanias: o sagrado manifesta-se segundo as leis da sua dialética própria e esta manifestação impõe-se ao homem *de fora*. Supor que a “escolha” dos lugares sagrados é deixada ao próprio homem é, ao mesmo tempo, tornar inexplicável a continuidade dos espaços sagrados (ELIADE, 1993, p. 297).

Segundo Eliade (2001, p. 28), algumas hierofanias têm destino local; outras apresentam caráter universal. A manifestação pode acontecer em qualquer objeto profano, seja uma pedra ou árvore. O mundo e seus objetos assumem uma posição diferenciada para o homem religioso, tornando-se a revelação da manifestação do sagrado corporificado nos objetos. Sobre esta contraposição hierofânica, o autor enfatiza:

A dialética das hierofanias permite a redescoberta espontânea e integral de todos os valores religiosos, quaisquer que eles sejam e qualquer que seja o nível histórico em que possam encontrar-se a sociedade ou o indivíduo que realiza essa descoberta. A história das religiões vê-se assim, reduzida, em última análise, ao drama provocado pela perda e pela redescoberta desses valores, perda e redescoberta que não são nunca, que não podem mesmo nunca ser, definitivas (ELIADE, 1993, p. 379).

A hierofania está contextualizada de forma histórica e social, mas não se limita a estes contextos. A manifestação do sagrado tem como base de sua fenomenologia não o tempo cronológico, mas as estruturas estabelecidas. Certas hierofanias, como as que veremos a seguir, presentes nos rituais, cultos, formas divinas e símbolos, têm um sistema e uma configuração com sentidos próprios.

2.1.2. O Cosmos e os Símbolos Sagrados

Em Eliade, o símbolo é um meio através do qual o homem expande a sua relação com o sagrado, apresentando-se, também, como uma forma do despertar da

experiência. Em suma, ele transforma o contato com aquilo que lhe é simbólico em algo da ordem espiritual, conforme descrito a seguir:

[...] o símbolo não somente torna o Mundo “aberto”, mas também ajuda o homem religioso a alcançar o universal. É graças aos símbolos que o homem sai de sua situação particular e se “abre” para o geral e o universal. Os símbolos despertam a experiência individual e transmudam-na em ato espiritual, em compreensão metafísica do Mundo (ELIADE, 2001, p. 172).

Eliade salienta a diferença entre a natureza para o homem religioso e para o não religioso. A mesma é capaz de revelar encantos e mistérios, a partir de uma sacralização ritual:

A sacralidade é, em primeiro lugar, real. Quanto mais religioso é o homem, mais real ele é, e mais ele se desvia da irrealidade de um devir privado de significação. Daí a tendência do homem para “consagrar” toda a vida. As hierofanias sacralizam o cosmos, os ritos sacralizam a vida (ELIADE, 1993, p. 374).

O simbolismo da pedra é elencado pelo autor, que a ressalta como algo absoluto e imutável, levando o homem a questionar sobre a sua própria existência:

A hierofania da pedra é uma ontofania por excelência: antes de tudo, a pedra é, mantém-se sempre a mesma, não muda se impressiona o homem pelo que tem de irreduzível e absoluto, desvendando-lhe, por analogia, a irreduzibilidade e o absoluto do Ser, captado graças a uma experiência religiosa, o modo específico da existência da pedra revela ao homem o que é uma existência absoluta, para além do Tempo, invulnerável ao devir (ELIADE, 2001, p. 129).

O corpo, visto como habitação onde mora o espírito, é outro ponto para o qual Eliade (2001, p. 61) chama a atenção. Segundo ele, para o homem religioso, o sagrado manifesta-se no corpo. Eliade opõe-se, então, ao pensamento moderno, segundo o qual a casa não transmite uma informação subjetiva. Para o autor, a casa enquanto materialidade, expressa o que está no íntimo do ser, onde as escolhas e afetos do homem manifestam-se. Da mesma forma, o corpo consiste em um instrumento revelador da presença divina, de sua intimidade e relação com o sagrado, convertendo-se em templo do divino:

Assim como a habitação de um homem moderno perdeu os valores cosmológicos, também seu corpo foi igualmente privado de todo significado religioso neste mundo ou no espiritual [...]. Para os modernos desprovidos de religiosidade, o Cosmos se tornou opaco, inerte, mudo, não transmite nenhuma mensagem, não carrega nenhuma “cifra” (ELIADE, 2001, p. 145).

A água apresenta-se de forma expressiva, como um símbolo significativo e primordial, pois resgata a gênese da Criação. Ela integra as revelações das mais diversas hierofanias, por sua forma vaga, abstrata e fluida, tendo lugar de destaque entre os demais objetos hierofânicos. Ela é um elemento sacralizante que se fez presente nas diversas tradições estudadas por Eliade. Seu simbolismo remete à purificação e transformação. É símbolo de morte (do pecado), por meio da imersão, e marca de um renascimento, seja através do batismo ou em banhos rituais. Assim, ela assume o papel de mediadora de fertilidade e saúde, conforme pode ser verificado na citação abaixo:

A Água “mata” por excelência: dissolve, abole toda forma. É justamente por isso que é rica em “germes”, criadora. O simbolismo da nudez batismal já não é o privilégio da tradição judaico-cristã. A nudez ritual equivale à integridade e à plenitude; o “Paraíso” implica a ausência das “vestes”, quer dizer, a ausência do “uso” (imagem arquetípica do Tempo). Toda nudez ritual implica um modelo atemporal, uma imagem paradisíaca (ELIADE, 2001, p. 114).

A cosmogonia aquática, desenvolvida por Eliade, embasa-se na crença de que o ser humano nasceu das Águas. Dessa maneira, ela representa a “segunda morte”, ou a morte iniciática expressa pelo batismo:

A sacralidade das Águas e a estrutura das cosmogonias e dos apocalipses aquáticos não poderiam ser reveladas integralmente senão por meio do simbolismo aquático, que é o único “sistema” capaz de integrar todas as revelações particulares das inúmeras hierofanias (ELIADE, 2001, p. 111).

Em relação à hierofania celeste, esta abrange o correr das nuvens, os raios, meteoros, trovões e tempestades, trazendo implícita na simbologia do Céu a ideia de Justiça e Lei, ou seja, a ideia de deuses celestiais que a tudo julgam, vigiam, condenam e punem ao homem. A própria posição em que o Céu se encontra no campo de visão do homem é como algo superior e transcendente, por isso dotado de domínio e poder sobre os homens:

O Céu revela-se tal como é na realidade: infinito, transcendente. A abóbada celeste é por excelência, “uma coisa muito diferente” do pouco que representa o homem e o seu espaço vital. Diríamos que o simbolismo da sua transcendência se deduz da simples tomada de consciência da sua altura infinita. O ser “altíssimo” é algo que se torna necessariamente um atributo da divindade (ELIADE, 1993, p. 40).

O simbolismo, implícito na expressão “Porta dos Céus”, é rico e complexo: a revelação da divindade torna sagrado um lugar, pelo próprio fato de torná-lo “aberto”, voltado para o Céu, portal de passagem de um mundo ao outro. Em muitas situações, não são necessárias a revelação e/ou manifestação de uma divindade propriamente dita para que um lugar torne-se sagrado, basta um sinal para que ele se sacralize (ELIADE, 2001, p. 30).

Emblemas cosmológicos, animais simbólicos, árvore cósmica, fontes, pedras sagradas, mística solar, lunar e celestial, assim como a ligação do ser humano com os vegetais ou da terra com a fecundidade feminina, permeiam os textos e perpassam, de forma geral, os estudos de Eliade, elucidando a luta do ser humano contra seus próprios limites e também a busca do homem por tempo mítico de sua integração com os deuses, conforme pode ser corroborado na citação abaixo:

[...] o símbolo não somente torna o Mundo “aberto”, mas também ajuda o homem religioso a alcançar o universal. É graças aos símbolos que o homem sai de sua situação particular e se “abre” para o geral e o universal. Os símbolos despertam a experiência individual e transmudam-na em ato espiritual, em compreensão metafísica do Mundo (ELIADE, 2001, p. 172).

2.2. CENTRO E ESPAÇO SAGRADO

Os espaços sagrados são locais onde homens e mulheres se reúnem para buscarem um contato com a divindade. Os espaços onde ocorrem as práticas religiosas são revestidos de um simbolismo próprio. Eles representam o lugar de encontro e integração dos participantes, referenciando-se, para os que ali se reúnem, como um centro do mundo. Estes espaços significam mais do que meras construções: são o espaço de contato com o sagrado. Isto pode ser exemplificado nas inúmeras romarias realizadas em grutas ou espaços abertos, como nos locais de aparições marianas em Lourdes e Medjugorie. Forma similar de sacralização pode ser encontrada, também, junto aos povos primitivos, que sacralizavam a

natureza, assim como nos povos ameríndios e nas religiões de matriz africana, cujos rituais se dão ao ar livre, em meio às matas, florestas, rios, cachoeiras e praias.

A interpretação do sagrado é feita de forma diferenciada pelo homem religioso, em comparação com o não religioso, conforme pode ser verificado na citação a seguir:

O sagrado quando interpretado pelo *homo religiosus*, não é algo pertencente a este mundo, não é algo comum a ele, no entanto se revela e se faz presente nele. Algo de finito se revela no mundo finito, e assim se deixa limitar para tornar possível a sua revelação. Este fato poderia ser encarado como uma contradição, pois percebemos que o sagrado, de forma paradoxal, se revela exatamente no profano, e para tanto deve, ao se revelar se revestir deste profano, pois o faz em um mundo profano, em meio a lugares, objetos e seres profanos. (...) Embora sagrado e profano sejam duas modalidades de ser absolutamente distintas, elas não se encontram necessariamente separadas no mundo, antes se unem no fenômeno que constitui o específico da religião (MOURÃO, 2013, p.26).

A conceituação de “centro” e “espaço” sagrados, sob a ótica eliadiana, refere-se ao local permanente onde o homem religioso encontra sua referência, funcionando como eixo do universo onde este se constitui e a partir do qual ele se orienta. Um dos pontos que caracterizam as sociedades tradicionais é o fato de haver um paradoxo na constituição do espaço: de um lado, temos o Cosmos, definido como o espaço real, habitável, criado pelos deuses; de outro lado, temos o espaço desconhecido, cercado de dúvidas, definido como Caos (ELIADE, 1993, p. 297).

A perspectiva acima traçada pode ser exemplificada por meio da estrutura da “casa”, em que esta vai se desenvolvendo como o *locus* por excelência, tecendo uma amplitude rica de significados e valores. Pode-se dizer, então, que a “casa” é um lugar que pode ser referenciado como centro ou espaço sagrado (MOREIRA, 2010, p.83).

2.2.1. Axis Mundi – o umbigo do mundo

De acordo com Eliade, “o itinerário que conduz ao ‘Centro’ está cheio de obstáculos, no entanto, cada cidade, cada templo, cada casa, encontra-se no Centro do Universo” (ELIADE, 1991, p. 51). As hierofanias modificam os lugares. A manifestação de algo, em determinado lugar, transmuta seu significado e valor por

inteiro. Um exemplo disto é a representação sagrada que o Santuário de Aparecida tem para os católicos. Um espaço, antes profano, que se tornou sacralizado, a partir da hierofania ocorrida ali. Desta forma:

Um “Centro” representa um ponto ideal pertencente não a um espaço profano geométrico, mas ao espaço sagrado, e no qual se pode realizar a comunicação com o Céu ou o Inferno; em outros termos, um “Centro” é o lugar paradoxal da ruptura dos níveis, o ponto em que o mundo sensível pode ser ultrapassado. Mas pelo fato de transcender o Universo, o mundo criado, transcende-se o tempo, a duração, e obtém-se a estase, o eterno presente intemporal (ELIADE, 1991, p. 72).

Para Eliade (2001, p. 54), o ambiente urbano e o doméstico são tidos como o centro do mundo, visto que ecoam o ato criador. O lar é um pequeno mundo inserido no todo do mundo; é um pedaço importante dentro do mundo e também para os que nele residem; é o lugar em torno do qual a vida de seus moradores efetua-se e concretiza-se, representando para estes um *axis mundi*. Assim:

A cosmogonia é o modelo de todas as construções. Construir uma cidade, uma nova casa, é imitar mais uma vez e, em certo sentido, repetir a criação do mundo. Com efeito, cada cidade, cada casa, encontra-se no “centro do universo” e, nessas circunstâncias, a sua construção só é possível graças à abolição do tempo e do espaço profanos e a instauração do espaço e do tempo sagrados. A casa é um microcosmos, do mesmo modo que a cidade é sempre uma *imago mundi* (ELIADE, 1993, p. 305).

Conforme destaca Eliade (1993, p. 302), o cume da Montanha Cósmica não é apenas o ponto mais alto da Terra, mas também seu Umbigo, de onde a criação foi gerada:

O Grande Santo criou o mundo como um embrião. Tal como um embrião cresce a partir do umbigo, assim Deus começou a criar o mundo a partir do umbigo e daí ele cresceu em todas as direções [...]. O Paraíso era o “umbigo da Terra” e, de acordo com uma tradição síria estava situado numa montanha mais alta do que todas as outras. Segundo o livro sírio *A Caverna dos Tesouros*, Adão foi criado no centro da terra, precisamente no lugar onde se ergueria mais tarde a cruz de Jesus (ELIADE, 1969, p. 31).

A proximidade da montanha com o céu, assim como o fato de estar situada em locais altos e de difícil acesso, lança sobre ela uma dupla sacralidade: o fato de estar no alto, aparentemente inacessível, remete ao transcendente, que pode ser

percebido no imaginário popular, ou, como tantas vezes, é repetido na oração cristã: “Pai Nosso que estás no Céu”. As orações feitas no Monte, em geral, têm um simbolismo arraigado, pois este é o lugar privilegiado onde se pode estabelecer uma relação de proximidade com a divindade. De fato, Eliade afirma que a “montanha é frequentemente considerada como o ponto de reencontro entre o Céu e a Terra, portanto um ‘centro’, o ponto pelo qual passa o eixo do mundo, região saturada de sagrado, local onde podem realizar-se as passagens entre as diferentes zonas cósmicas” (ELIADE, 1993, p. 91).

O homem busca renovar o tempo mítico, visto que este representa um momento santo e de santificação, que ocorre por meio da presença divina, da busca pelo paraíso e do contato com o Ser Supremo. Um exemplo disso é o ritual católico da transubstanciação, em que, alimentando-se da presença real do Deus feito pão (hóstia), o homem aproxima-se da divindade e se torna um com ela, em um tempo e espaço litúrgicos e sagrados, perfazendo, assim, uma ruptura de tempo e espaço:

O homem religioso conhece duas espécies de tempo: profano e sagrado. Uma duração evanescente e uma “sequência de eternidades” periodicamente durante as festas que constituem o calendário sagrado. O tempo litúrgico do calendário desenrola-se em círculo fechado: é o tempo cósmico do Ano santificado pela “obra dos deuses” (ELIADE, 2001, p. 92).

2.2.2. Tempo sagrado e tempo profano

Para o homem religioso, o tempo é dividido em sagrado e profano. O tempo sagrado abarca as festas e celebrações religiosas (Páscoa, Natal, Quaresma), cada qual com um significado e ritmo de vivência da espiritualidade. Já o tempo profano abrange o ordinário da vida, o trabalho, os estudos, o ambiente doméstico e os afazeres corriqueiros. A diferenciação entre os dois tempos consiste no fato de que, enquanto o tempo sagrado é cíclico e se mantém sempre o mesmo, o tempo profano não retorna e se apresenta sempre de forma diferente. Por esse motivo:

Um momento ou uma porção de tempo pode tornar-se, a qualquer momento, hierofânica: basta que se produza uma cratofania, uma hierofania ou uma teofania para que ele seja transfigurado, consagrado, comemorado por efeito da sua repetição e, por conseguinte, “repetível” até o infinito. Todo o tempo, qualquer que ele seja, se abre para um tempo sagrado ou, por outras palavras, pode revelar aquilo a que chamaríamos, em expressão cômoda, o

absoluto, quer dizer, o sobrenatural, o sobre-humano, o supra-histórico [sic] (ELIADE, 1993, p. 314).

O homem religioso articula-se entre o tempo profano e o sagrado, sendo que este último é, por ele, mais valorizado. Para o homem não religioso, os tempos são divididos entre o de trabalho e o de lazer. Para Eliade, qualquer instante temporal pode se revelar como sagrado, por intermédio da hierofania. Quando isto ocorre, este tempo é transformado, consagrado, e se torna repetível, de forma cíclica:

Todo o tempo, qualquer que ele seja, se abre para um tempo sagrado ou, por outras palavras, pode revelar aquilo que chamaríamos, em expressão cômoda, o absoluto, quer dizer, o sobrenatural, o sobrehumano, o supra-histórico. [...] o tempo desvenda uma nova dimensão que podemos designar de hierofânica e à qual a duração em si adquire não só uma cadência particular, mas, também 'vocações' diversas, 'distintas' e contraditórias. Evidentemente, esta dimensão hierofânica do tempo pode ser revelada, causada, pelos ritmos cósmicos (ELIADE, 2001, p. 31).

Para o homem não religioso, o tempo é um processo, incessante, constituído por situações em que nada se repete. O homem moderno percebe o tempo como estruturas diferenciadas. Para ele, existem o tempo utilizado para os afazeres e responsabilidades do dia a dia e o tempo do lazer. O que distingue a forma de encarar o tempo entre o homem religioso e o homem profano consiste na forma como percebem estas diferenças. Para o homem religioso, a diferença é estabelecida a partir do tempo sagrado, especial, que se destaca pelas festas e celebrações religiosas. Já para o não religioso, este tempo não tem significação, não causa quebra. O tempo, para ele, é percebido de forma interligada à sua própria existência, com início, meio e fim (FONTENELLE, 2001, p.3).

De acordo com Eliade (2001, p.92), o tempo representa mais do que uma cronologia revelada no calendário: ele possibilita a modificação e restauração do ser, transformando-se em um símbolo de transformação, o que pode ser observado no final do ano e início do novo ano, quando grande parte das pessoas fazem planos de mudança de vida, reformas de casa, mudança de hábitos. Essa busca e tentativa de transformação pessoal, e do mundo que as cerca, encontra-se descrita abaixo:

A cada Ano Novo reitera-se a cosmogonia, recria-se o Mundo e ao fazê-lo, "cria-se" também o Tempo, quer dizer, regenera-se o Tempo "iniciando-o" de novo. É por esta razão que o mito cosmogônico serve de modelo

exemplar a toda “criação” ou “construção”, sendo utilizado também como meio ritual de cura (ELIADE, 2001, p. 92).

2.3. DIALÉTICA: SAGRADO E PROFANO

Sob a ótica eliadiana, observa-se a dualidade existente entre sagrado e profano dentro da concepção humana. Aquilo que remete à religião (magia, mitos e crenças) é considerado sagrado, ou seja, as situações que se manifestam de forma diferente daquilo que é intrínseco ao ser humano permitem uma ponte com o sobrenatural. Já o profano abarca tudo aquilo que é natural à condição humana, colocando-se de forma contrária àquilo que é sagrado (ELIADE, 200, p. 20).

Em seus estudos, Eliade destaca que o “sagrado” existe em oposição ao profano e se estabelece na gestação de um mundo divino, transcendente, que está para além de uma realidade visível. Esse “sagrado” mostra-se ao mundo por meio de sinais e elementos designados como hierofanias, conforme elucidado a seguir:

O sagrado e o profano constituem duas modalidades de “Ser” no Mundo, “duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história”, ou seja, o sagrado e o profano constituem dois modos de vida e duas concepções acerca da “natureza” do mundo e da existência, sendo, portanto, complexos arranjos sócio culturais, que envolvem, não só crenças e rituais, mas, todo um sistema de moral, ética, códigos, símbolos, filosofia e organização social. O objetivo de *O sagrado e o profano*, portanto, é entender [...] de que maneira o homem religioso se esforça por manter-se o máximo de tempo possível num universo sagrado e, conseqüentemente, como se apresenta sua experiência total de vida em relação à experiência do homem privado de sentimento religioso, do homem que vive, ou deseja viver, num mundo dessacralizado (ELIADE, 2001, p. 19-20).

2.3.1. O espaço sagrado como oposição ao profano

Eliade pontua que a revelação do sagrado no espaço é uma consequência cosmológica. Para ele, toda hierofania espacial, ou consagração de um espaço, estabelece uma relação de equivalência com uma cosmogonia. Dessa forma, “o Mundo deixa-se perceber como Mundo, como cosmos, à medida que se revela como mundo sagrado” (ELIADE, 2001, p. 59).

Nas sociedades tradicionais, há uma distinção na formação do espaço: de um lado, o “Cosmos”, o território real, onde os homens habitam e que serve de meio de comunicação entre os deuses e os homens; do outro, o espaço misterioso que o

cerca, habitado pelo desconhecido, o “Caos”, uma espécie de mundo paralelo. Assim, o homem tem a capacidade de interferir e modificar o Caos em Cosmos, de transformar seu mundo sagrado à semelhança daquele dos deuses (ELIADE, 2001, p.135).

Para Eliade, o universo apresenta-se de forma que, ao contemplá-lo, o homem religioso encontra várias maneiras de manifestação do Sagrado: “antes de tudo, o Mundo existe, está ali, e tem uma estrutura: não é um Caos, mas um Cosmos, e revela-se, portanto, como criação, como obra dos deuses” (ELIADE, 2001, p. 99).

A partir do momento que o sagrado se manifesta no espaço, esse espaço passa a ocupar e envolver todo o espaço profano. O sagrado passa a se fazer presente em um determinado lugar do mundo profano, a partir de sua manifestação, transmutando este lugar, ultrapassando suas fronteiras, tornando-se um local sagrado. Outra forma de transformação de um espaço profano em sagrado é por meio de ritos e cultos celebrados em um determinado lugar, construindo-se, ali, edificações e templos dedicados aos deuses, como um local privilegiado de encontro com o sagrado (MOURÃO, 2013, p.47). Segundo Eliade, “todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente” (ELIADE, 2001, p. 30).

O objeto sagrado, segundo os estudos do historiador das religiões, ultrapassa definições prévias e possui características específicas sobre o fenômeno religioso, independente de sua forma e substância. O objeto religioso torna-se sagrado a partir do momento que revela ou participa da realidade, corporificando o próprio sagrado (ELIADE, 1993, p.131). Sobre a sacralização do espaço, à partir de uma hierofania ali ocorrida, Eliade elucida ainda:

A noção de espaço sagrado implica a ideia da repetição da hierofania primordial que consagrou este espaço transfigurando-o, singularizando-o, em resumo, isolando-o do espaço profano à sua volta [...]. A hierofania não teve, pois, por único efeito santificar uma determinada fração do espaço profano homogêneo; além disso, assegura para o futuro a perseverança dessa sacralidade. Aí nesta área, a hierofania repete-se. O lugar transforma-se, assim, numa fonte inesgotável de força e de sacralidade que permite ao homem, na condição de que ali penetre, tomar parte nessa força e comungar nessa sacralidade (ELIADE, 1993, p. 296).

2.3.2. O Homem Religioso e sua relação com o Sagrado

Para o homem religioso, a revelação do espaço sagrado tem uma importância ímpar, que envolve e perpassa a sua existência como um todo. Para ele, a experiência do sagrado torna possível a “fundação do Mundo”; isto é, no espaço em que o real se dá a conhecer, o Mundo vem à tona. Assim:

A profunda nostalgia do homem religioso é habitar um “mundo divino”, ter uma casa semelhante à “casa dos deuses”, tal qual foi representada mais tarde nos templos e santuários. Em suma, essa nostalgia religiosa exprime o desejo de viver num cosmos puro e santo, tal como era no começo, quando saiu das mãos do Criador (ELIADE, 1993, p.61).

No entendimento do homem religioso, o Cosmos “vive” e “fala”. A própria vida do Cosmos é uma prova de santidade, pois ele foi moldado pelos deuses e estes revelam-se aos homens através da vida cósmica. Em suma, a vida do *Ser* é entrelaçada à vida cósmica, como uma ação divina. O homem passa, então, a ser concebido como uma pequena arte do grande cosmos (ELIADE, 2001, p.135). Desta forma, pode-se compreender que:

O homem religioso é sedento do ser. O terror diante do “Caos” que envolve seu mundo habitado corresponde ao seu terror diante do nada. O espaço desconhecido que se estende para além do seu “mundo” espaço não-cosmizado porque não consagrado, simples extensão amorfa onde nenhuma *orientation* foi ainda projetada e, portanto, nenhuma estrutura se esclareceu ainda- este espaço profano representa para o homem religioso o não ser absoluto (ELIADE, 2001, p. 60).

Para Eliade, a existência “aberta para o Mundo” representa uma oportunidade para o homem religioso mergulhar em si mesmo. Desta forma, descobrir o mundo implicaria em se conhecer profundamente, visto que esta é uma descoberta religiosa (ELIADE, 2001, p. 172). Assim:

O pensamento simbólico faz “explodir” a realidade imediata, mas sem diminuí-la ou desvalorizá-la; na sua perspectiva, o universo não é fechado, nenhum objeto é isolado em sua própria existencialidade: permanece junto, através de um sistema preciso de correspondências e assimilações. O homem das sociedades arcaicas tomou consciência de si mesmo em um “mundo aberto” e rico de significados. Resta saber se essas “aberturas” são meio de fuga ou se, ao contrário, constituem a única possibilidade de alcançar a verdadeira realidade do mundo (ELIADE, 1991, p. 178).

O sagrado, na obra de Eliade, é algo que ultrapassa e supera este mundo, justamente por se revelar como algo maior que o universo profano. A meta, à qual o historiador das religiões se propôs, foi entender e tornar compreensível, aos demais estudiosos. o comportamento do *homo religiosus no mundo*:

Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras: há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. “Não te aproximes daqui, disse o senhor a Moisés: tira as sandálias de teus pés, porque o lugar onde te encontras é uma terra santa.” (Êxodo 3,5). Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é real, que existe realmente- e todo o resto, a extensão informe, que o cerca (ELIADE, 2001, p. 25).

O homem constitui seu sentido de humanidade a partir da construção de espaços de valor, estabelecendo a distinção entre Finito/Infinito, Céu/Terra, harmonizando e elaborando a ambiguidade simbólica entre o Cosmo Sagrado e o Caos profano. A ordem simbólica dos espaços, repletos de significado, tem por objetivo integrar os elementos do Cosmo e da Terra em um mesmo espaço (MOURÃO, 2013, p. 87). Sobre esta revelação do transcendente ao homem, Eliade salienta:

A categoria transcendental da “altura”, do supraterrrestre, do infinito revela-se ao homem como um todo, tanto à sua inteligência como à sua alma. É uma tomada de consciência total: em face do Céu, o homem descobre ao mesmo tempo a incomensabilidade divina e sua própria situação no Cosmos. O céu revela, por seu próprio modo de ser, a transcendência, a força, a eternidade. Ele existe de uma maneira absoluta, pois é elevado, infinito, eterno, poderoso (ELIADE, 2001, p. 101).

Na ótica eliadiana, toda hierofania implicaria em uma separação entre objeto hierofânico e o Mundo que o rodeia. O objeto que se torna revelador do sagrado separa-se de todo o resto do mundo ao seu redor. Desta forma, não há sagrado nem profano fora da atitude religiosa. Ou seja, “o profano somente faz sentido para o *homo religiosus* na medida em que ele é revelador do sagrado. Contudo, a atitude

religiosa não institui o sagrado, pois o sagrado sempre se apresenta como algo que se revela” (MENDONÇA, 2015, p. 232).

Eliade (2001, p. 133) recupera o entendimento da totalidade das situações existenciais e as compreende como experiências vividas através de uma “existência aberta”, que amplia a busca de viver o que o universo lhe oferece. Para o homem não religioso, as experiências que lhe são essenciais estão desvinculadas do sagrado, assumindo apenas uma dimensão humana, dispensando a dimensão espiritual. A experiência do religioso está “aberta”, ao passo que a do não religioso mantém-se presa ao seu mundo particular e centralizada nela mesma. Assim:

O homem a-religioso teria perdido a capacidade de viver conscientemente a religião e, portanto, de compreendê-la e assumi-la; mas, no mais profundo de seu ser, ele guarda ainda a recordação dela, da mesma maneira que, depois da primeira ‘queda’, e embora espiritualmente cego, seu antepassado, o homem primordial, conservou inteligência suficiente para lhe permitir reencontrar os traços de Deus visíveis no Mundo” (ELIADE, 2001, p. 136-173).

A ação do homem frente ao sagrado é ambígua, pois se, de um lado o Sagrado lhe aponta e assegura a realidade, de outro, ele arrisca a perder a sua própria realidade em função da sua interação com o divino. Este paradoxo do homem perante o sagrado está para além das hierofanias e cratofanias, abrangendo também as religiosidades mais avançadas (MENDONÇA, 2015, p.230).

3. PROFANO, SAGRADO E COTIDIANO EM ADÉLIA E ELIADE

O presente capítulo tem por intuito apontar, por meio de uma análise comparativa, pontos semelhantes, e também distintos, entre os conceitos de sagrado, profano e cotidiano, abordados nos estudos realizados por Mircea Eliade, e a escrita poética adeliana. Esta análise será feita a partir de definições trazidas por Eliade, comparando as mesmas com as temáticas abordadas na poética adeliana, que foram priorizadas nesta pesquisa, a saber: o Sagrado e o Cotidiano.

Ao longo de seus estudos, Eliade concluiu que o conjunto de práticas e crenças religiosas direcionadas ao Sagrado contrapõe-se ao profano. Ele buscou apontar, por meio de exemplificações, como vestígios do homem religioso podem ser encontrados nas situações mais banais. No nosso contexto, podemos encontrar esses vestígios em exemplos, tais como: bater na madeira para isolar a má sorte ou tapar a boca ao dizer algo ruim, dar três pulinhos quando se quer achar algo perdido, não passar embaixo de escada, fugir de gato preto em sexta feira 13, dentre tantas outras superstições que envolvem as crenças religiosas e populares. Desta forma, o sagrado pode ser percebido em situações pontuais do dia a dia do sujeito.

Já na escrita adeliana, o sagrado é o que dá luz e sentido ao profano. O extraordinário manifesta-se no ordinário da vida, nas mais variadas situações. É o olhar diante do mundo e dos acontecimentos corriqueiros que permite que o indivíduo vivencie o que há de mais belo e sublime. Enfim:

O cotidiano é o grande tesouro! Admirar-se daquilo que é natural é que é o bacana. A alma, criadora, criativa, sensível, um belo dia se admira de algum ser como a água. A vida é extraordinária. Admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo. É outro olhar. O mundo é magnífico! Todos nós queremos no nosso “currículo da vida” um ato heroico, às vezes o ato mais heroico da nossa vida é o mais anônimo, é o mais silencioso, que só Deus sabe. Isso que é a maravilha! O cotidiano pra mim tem esse aspecto de maravilha, de tesouro (PRADO *apud* COSTA JR., 2012, p. 04).

A construção poética adeliana buscará unir e religar o humano ao divino, através da manifestação do sagrado no cotidiano, de modo que Este “real” hierofanizado encarne nas situações corriqueiras e “aparentemente” profanas. Esta forma de escrita revela a iluminação e inspiração poética, que fala a todos indistintamente, trazendo a ruptura entre o que parece vulgar e sem valor. Tudo o

que nos cerca é passível de ser poetizado (ARAÚJO, 2011, p.26). Corroborando essa tese, Suttana (2015) expõe:

Se a poesia se permite superpor o sagrado ao profano ou fazer com que o próprio sagrado se manifeste como profano poderemos entrever, que a poesia de Adélia Prado se desenvolve, desde seu início, não tanto como manifestação de uma coisa ou de outra – seja do sagrado ou do trivial –, mas do superior mistério que as enlaça e justapõe. Isto é, ela “traz à luz” o mistério *em si*, em sua forma mais pura, que o poeta experimenta a cada passo com inquietude e espanto (SUTTANA, 2015, s/p).

Para Eliade, os detalhes mais simples do cotidiano ganham forma na hierofanização, ou seja:

[...] consiste na manifestação do sagrado em oposição ao profano, mesmo que os objetos do mundo profano possam ser tomados como manifestação do sagrado, passando assim a uma existência real, poderosa, rica e significativa. Sobre este aspecto o autor nos esclarece que qualquer ato entendido como puramente fisiológico, a exemplo da sexualidade, para um ser religioso pode tornar-se um “sacramento”, quer dizer uma comunhão com o sagrado (ELIADE, 2001, p. 20).

A elaboração eliadiana, elucidada acima, aproxima-se da postura adeliana, visto que todos os aspectos, coisas e seres que rodeiam o ser humano são passíveis de hierofanização, podendo ser vistos como atos e/ou momentos sagrados. Adélia vê a dimensão sagrada do mundo em seu cotidiano, local onde tudo o que ela sente esbarra em Deus. Uma presença que pode ser encontrada em todos os cantos e lugares de sua existência, demonstrando, assim, o aspecto religioso que permeia a sua obra.

Corroborando esta forma de pensamento, sob a ótica da experiência religiosa, Eliade pontua que o indivíduo religioso está exposto a uma série vasta de experiências, denominadas “cósmicas”: “essa experiência é sempre religiosa, pois o universo seria concebido como algo sagrado” (ELIADE, 2001, p. 29).

Em Adélia, poesia e experiência religiosa são indistinguíveis e inseparáveis. Sua poesia não é religiosa pelo tema, mas pela sua natureza, pela forma como é descrita e pela forma como o sagrado revela-se, sendo costurado nos meandros de seus versos. Em entrevista, Adélia ainda diz: “para mim, experiência religiosa e experiência poética são uma coisa só” (PRADO *apud* CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 2000, p. 23).

Adélia, quando indagada, em entrevista, sobre a poesia ser uma forma de a poeta se ligar ao divino, responde:

A religiosidade está presente desde meu primeiro livro. O sofrimento e a alegria continuam os mesmos, mas é uma poesia feita de uma experiência mais próxima da realidade. Apesar disso tudo, o livro está cheio de esperança. A poesia é serva da esperança, ela pousa na alegria e na dor, é um fenômeno divino e transcendental (PRADO *apud* TEIXEIRA, 2014).

Adélia expõe, ao longo de seus poemas, questões próprias do cristianismo, através de um olhar feminino do cotidiano, possibilitando uma nova forma de abordagem e de compreensão do mesmo:

A poesia é o instrumento que possibilita a compreensão da experiência religiosa do eu-poeta com Deus no espaço atemporal cognoscível e sensível, para além das amarras racionais do pensamento humano. A experiência com o catolicismo é antes de tudo o fio que conduz aos momentos inesperáveis em que o universo ficcional de Adélia Prado percebe a presença de Deus (PRADO *apud* COSTA JR, 2012, p. 193).

Assim, a poesia converte-se na forma primaz utilizada para revelar o sagrado em meio ao profano do cotidiano, conforme veremos no próximo tópico.

3.1. O SAGRADO MANIFESTO NA OBRA DE ADÉLIA PRADO

A religiosidade está presente na obra de Adélia desde seu primeiro livro, intitulado *Bagagem*. Para Adélia, “a poesia é serva da esperança”; ela repousa na alegria e na dor; ela é da ordem sobrenatural; é divina. Em entrevista, Adélia diz:

Eu acho que Deus é também uma projeção humana. É um desejo infinito que nós temos de adoração, e de algo que nos suspende com o sentido absoluto. Nós somos finitos e relativos, e queremos sempre uma coisa absoluta: que esse café maravilhoso não acabe, que a minha paixão não acabe, que essa casa bonita permaneça. A gente tem sede de infinito e de permanência. Então, esse ser que assegura a permanência das coisas, é que eu chamo de Deus. É o absoluto (PRADO *apud* CUNHA, 2014, s/p).

Para Adélia, a obra verdadeira é sempre renovada e vem de uma inspiração transcendente. A arte é para ser sentida e tocada com a inteligência do coração, não com a inteligência lógica. O que importa não é a fala, mas como algo está sendo

falado. A arte não escolhe enredo, ela é democrática, fala de absolutamente tudo, porque “qualquer coisa é a casa da poesia” (PRADO *apud* ALMEIDA, 2012, s/p).

Já para Eliade, o sagrado e o profano coexistem e devem ser entendidos em contraposição, não havendo nada sagrado considerado em seu estado “puro”. Dessa forma, pode-se compreender que nada é de todo profano. O sagrado, quando interpretado pelo *homo religious*, é algo de fora deste mundo, à parte da realidade objetiva e subjetiva, sendo possível manifestar-se apenas através do lugar ou objeto profano que traz à tona, aquilo que é imediato, humano, natural e mundano. Da mesma forma, o universo profano é atravessado, ao tomar em si aquilo que é próprio do sagrado em seu ser, meio, espaço e lugar (ELIADE, 2001, p. 27). O diálogo entre sagrado e profano, que atravessa a existência, Eliade nomeia “hierofania”:

Um objecto ou uma acção adquirem um valor e, deste modo, tornam-se reais, porque de qualquer forma participam de uma realidade que os transcende. Entre muitas outras pedras, uma torna-se *sagrada* - e, por consequência fica imediatamente impregnada de ser, porque constitui uma hierofania, ou porque possui um *maná*, ou porque a sua forma reflecte um certo simbolismo, ou ainda porque comemora um acto mítico, etc. O objecto surge como um receptáculo de uma força *exterior* que o diferencia do seu meio e lhe confere significado e valor (ELIADE, 1969, p. 18).

3.1.1. Manifestação do sagrado na rememoração

Em Adélia, a vivência torna-se relato de experiência traduzida em poesia, à medida em que sua intimidade é partilhada com o leitor, que poderá relacionar ou não aquilo que lê com o próprio autor.

A vivência religiosa da autora é um elemento que se faz presente em suas recordações e versos. Segundo Adélia, “a religiosidade serve para mantê-la forte, cumprindo sua sina de escrever aquilo que vê, vive e sente” (PRADO *apud* CAPELLARI, 2013, p. 68).

A religiosidade funciona como elo entre cotidiano e poesia. Há, no eu lírico, uma sensível percepção dos pormenores e de tudo que aos demais se apresenta de forma fugaz. O cotidiano é calmamente explorado, recebendo, por isso, um registro, muitas vezes, surpreendente. Em *Tulha*, o eu lírico afirma:

Vale a pena esperar, contra toda a esperança,
o cumprimento da Promessa que Deus fez a nossos pais no deserto.

Até lá, o sol-com-chuva, o arco-íris, o esforço de amor,
o maná em pequeninas rodelas, tornam a vida boa (PRADO, 2015, p.
119)²⁴.

No poema anterior, Adélia faz referência à passagem bíblica de Êxodo 16, presente no Antigo Testamento. Nele, o eu lírico poderia citar qualquer tipo de alimento; porém, o “maná” foi o alimento enviado por Deus, que serviu de sustento ao povo que seguiu no deserto, juntamente com Moisés, rumo à terra prometida, reforçando, na escolha do termo, a religiosidade presente na obra adeliana. Assim, verifica-se a recorrência, em seus versos, daquilo que remete ao sagrado. O termo “*Tulha*” refere-se ao lugar onde são guardados os cereais. No poema, a poeta lança ao leitor um convite para que armazene, em seu interior, tal como faz a tulha, o alimento espiritual que auxiliará nas batalhas e desafios cotidianos.

Em contrapartida, para Eliade (1993, p. 18), tudo aquilo que recebeu o toque do homem, que foi revestido de sentimento, pode tornar-se uma “hierofania”, ou seja, os gestos, as danças, as brincadeiras das crianças, tudo isso tem uma origem religiosa, pois foi, em algum período histórico, tido como rituais ou objetos cultuais. O mesmo ocorreria com os gestos cotidianos (o levantar-se depois da noite dormida, o caminhar, o correr), as diferentes atividades (caça, pesca, agricultura), os atos fisiológicos (alimentação, vida sexual). Dessa forma, cada parcela da humanidade transformou em hierofanias, um número de objetos, de animais, de plantas, e gestos. Ou seja, aquilo que a memória fixou como primordial e revelador da vida do indivíduo, através da lembrança, torna-se sagrado e sacralizador de um tempo, ou espaço, conforme pode ser corroborado no poema a seguir:

*A Pintora*²⁶

Hoje de tarde pus uma cadeira no sol pra chupar tangerinas e comecei a chorar, até me lembrar de que podia falar sem mediação com o próprio Deus daquela coisa vermelho-sangue, roxo-frio, cinza. Me agarrei aos seu pés: Vós sabeis, só Vós. O bagaço da laranja, suas sementes Me olhavam da casca em concha. Na mão seca. Não queria palavras pra rezar, Bastava-me ser um quadro. Bem na frente de Deus. Para Ele olhar (PRADO, 2015, p. 420)²⁵.

A ideia, exposta por Eliade (2001, p. 82), de que a passagem de um tempo profano para um tempo sagrado realiza-se através dos ritos, na atualização de um

²⁴ *Tulha* (PRADO, *O Coração Disparado*, 2006, p.45; PRADO, *Poesia Reunida*, 1991, p.162).

²⁵ *A Pintora* (PRADO, *A Duração do Dia*, 2011, p. 74).

tempo mítico, não se mantém no universo adeliانو. O Tempo sagrado, em Adélia, faz-se presente independente de mediações rituais. O contato entre Deus e o eu lírico é feito por meio do abandono diante de Deus, numa relação de entrega e de acolhimento, como pode ser observado no verso conclusivo do poema: “bastava-me ser um quadro. Bem na frente de Deus. Para Ele olhar” (PRADO, 2015, p. 420).

Na escrita adeliانا, à medida que o tempo profano transforma-se em sagrado, instaura nele plenitude e infinitude, ou seja, “na medida em que o ser adeliانو é perfeito e falho, é que os modos do que está entre um e outro vão constituir-se na simplicidade e na individualidade de que se revestem os lugares que os emolduram” (FONTENELLE 2001, p. 49).

Eliade (1991) esboça que o homem moderno sente saudades do contato com o divino e que, embora a vivência espiritual seja diferenciada em relação ao homem religioso e ao homem primitivo, ele utiliza de sua imaginação para restabelecer o elo com este “paraíso perdido”, conforme pode ser percebido no trecho abaixo:

As nostalgias são, às vezes, repletas de significações que envolvem a própria situação do homem, desta maneira, elas se impõem tanto ao filósofo como ao teólogo [...]. A vida do homem moderno está cheia de mitos semi-esquecidos, de hierofanias decadentes, de símbolos abandonados. A dessacralização incessante do homem moderno alterou o conteúdo da sua vida espiritual, porém não rompeu com as matrizes da sua imaginação (ELIADE, 1991, p. 14).

Conclui-se, então, que a aproximação com o sagrado, para Eliade, dá-se por meio de uma reatualização e/ou mediação ritual/simbólica, para reviver e religar-se ao que é superior. Já em Adélia, este contato com o divino pode ser realizado independente de rito, símbolo, lugar ou situação, podendo ser concretizado através de lembranças e acontecimentos cotidianos.

Mediante a tantos problemas sociais e as justificativas que poderiam resultar no chamado trânsito religioso, a poética adeliانا se apresenta como uma unidade da vasta produção a respeito do olhar que enxerga a presença do Sumo Bem, no simples cotidiano repleto de objetos que evocam lembranças e despertam o completar de uma consciência da presença de Deus (COSTA JR, 2012, p. 196).

3.1.2. O sagrado que se revela na natureza

Um dos elementos que se faz presente de forma recorrente na poesia adeliana é sua descrição da natureza, seu olhar contemplativo sobre a criação e as criaturas, lugar propício para a manifestação do sagrado.

Na obra poética adeliana, a natureza da experiência poética e a natureza religiosa andam lado a lado. É nesse terreno fértil que Adélia semeia suas palavras e nos convida a aguçar os sentidos, saborear cada verso, sentir cada cheiro, ouvir cada som, tocar cada cena. Segundo Mircea Eliade, “todo homem religioso é sedento do ser” (ELIADE, 2001, p. 60). Esta sede do ser é expressa no poema a seguir:

Genesisíaco

Um homem na campina olhava o céu. As estrelas pareciam aumentadas de tamanho brilho. Estrela, ó estrela, estrelas, ele suplicou como se injuriasse Os que alimentavam o fogo aproximaram-se admirados: nós também queremos, repete para nós. Ó noite de mil olhos, reluzente. Os vocativos são o princípio de toda poesia. Ó homem, ó filho meu, convoca-me a voz do amor, até que eu responda ó Deus, ó Pai (PRADO, 2015, p. 223)²⁶.

O título do poema sugere um retorno ao momento da criação, ao Gênesis, ao estado paradisíaco. Neste estado genesisíaco, o homem exalta a obra divina, que é revestida de beleza nos versos poéticos. O criador de tudo, dos astros e também da poeta, é nomeado como a “voz do amor”. O homem identifica, no Criador, um Pai e reconhece a si como filha. Diz que o vocativo e as exclamações são os fundamentos da poesia, pois sua função é gerar no leitor o espanto, as descobertas e deslumbres da criação, servindo de mediadora entre o divino e o humano. “A poesia é o ponto de interseção entre o poder divino e a liberdade humana, o poeta é o guardião da palavra que nos preserva do caos original” (PAZ, 1984, p. 62).

Ao trazer à tona a discussão de que a poesia é uma construção, e que esta ocorre no contexto cultural em que cada indivíduo encontra-se, é possível elucidar que a produção da obra poética de Adélia ocorre em seu cotidiano, onde Deus mostra-se e lhe causa espanto, nos lugares e objetos que a rodeiam. Para a poeta, o linguajar poético requer um desnudamento. Dessa forma:

²⁶ *Genesisíaco* (PRADO, *O Pelicano*, 2007, p. 11; PRADO, *Poesia Reunida*, 1991, p.309).

[...] o despir-se e o desarmar-se para colher a poesia é similar ao ato de esvaziar-se de conteúdo e deixar que a lírica atue. Não é somente para interpretar o que se diz, mas também sentir aquilo que expressam os poemas, porque é pela poesia que sobressalta o entendimento da beleza presente nas palavras (COSTA JR, 2012, p.188).

A escrita poética de Adélia Prado traz, em si, um sentido particular, que reside em sua experiência religiosa cristã, fonte de contemplação, oportunidade de encontro com o divino. Observa-se que “sua poesia seria o locus sem interdições, um instrumento que se auto expressa e também revela a consciência da presença de Deus” (COSTA JR, 2012, p. 189).

*A menina e a fruta*²⁷

Um dia, apanhando goiabas com a menina, Ela abaixou o galho e disse pro ar - inconsciente de que me ensinava - ‘goiaba é uma fruta abençoada’ Seu movimento e rosto iluminados agitaram no ar poesia e Espírito: o Reino é dentro de nós, Deus nos habita. Não há como escapar à fome de alegria! (PRADO, 2015, p. 189)²⁷.

Deus se deixa encontrar nos gestos e situações mais simples do dia a dia, como no pousar da borboleta, no nascer do sol, nas montanhas, campinas, objetos domésticos. Tudo é passível de poesia e da revelação do sagrado. Tudo é permeado por Deus e aponta a face divina, conforme pode ser notado nos versos de *Artefato Nipônico*: “A borboleta pousada Ou é Deus Ou é nada”²⁸ (PRADO, 2015, p. 290).

Para Adélia, só o homem é capaz de comover-se com as belezas naturais: com o sol, as flores, árvores, com as miudezas cotidianas. Pontua que a poesia serve, muitas vezes, para ampliar o olhar contemplativo para com a criação, tendo o poder de despertar o espanto e o encantamento. Enfim:

A beleza é uma experiência, ela não é um discurso. Se você, por exemplo, passa todo dia por um lugar e vê determinada obra, determinada casa ou determinada coisa, e um belo dia você se espanta com aquilo, pode dar graças, você está tendo uma experiência de natureza poética e ao mesmo tempo religiosa (PRADO *apud* ALMEIDA, 2012, s/p).

3.2. O ESPAÇO PROFANO/SAGRADO PRESENTE EM ELIADE E ADÉLIA

²⁷ *A menina e a fruta* (PRADO, *Terra de Santa Cruz*, 2006, p. 29; PRADO, *Poesia Reunida*, 1991, p.254).

²⁸ *Artefato Nipônico* (PRADO, *A Faca no Peito*, 2007, p.27; PRADO, *Poesia Reunida*, 1991, p.38).

Na construção poética adeliana, um dos sustentáculos e articuladores essenciais é “a vida cotidiana”. É do cotidiano que a poeta retira o fundamento essencial para tecer seus textos e eleva os seus versos a uma dimensão universal. Para Adélia:

[...] o cotidiano é o fato por excelência que todo ser humano tem em comum com todos os outros, e é no interior da realidade do dia-a-dia que a vida de todos transcorre, de tal modo que a consciência do estar-no-mundo se identifica, em grande parte, com as próprias fronteiras da cotidianidade (MOREIRA, 2010, p. 82).

A poética adeliana tem seu marco diferenciador na escrita, a partir do cotidiano. É nele que a experiência com o sagrado revela-se, é neste solo concreto que a poesia encontra o substrato necessário para sua existência. Como diz Abreu, “o melhor da poesia de Adélia Prado está nos momentos em que a simplicidade soa natural, própria de alguém íntima da vida como um todo, incluindo aí os seus mistérios” (ABREU, 2016, p. 09).

O eu lírico adeliano tateia lugares e ultrapassa os limites do tempo e do espaço. Os locais, por ele delimitados e fundados, submetem-se a referenciais que se interligam no tempo e espaço, “a historicidade da memória do espaço adeliano integra ficção e realidade, divino e humano, resultando em uma relação espaço-temporal contaminada pela essência do poético” (FONTENELLE 2001, p. 46-47).

3.2.1. O templo como espaço privilegiado de encontro com o sagrado

A experiência com o sagrado, em Adélia, não se restringe a um templo ou lugar específico. No entanto, ele é tido como um lugar favorável e favorecedor deste encontro entre o humano e o divino, conforme pode ser notado no poema abaixo:

A criatura

Domingo escuro, sensação de desterro, a vida difícil. Sofre-se muito e cada vez mais, Também porque as vigílias são mais longas. Ainda que durmas, deves-te levantar e cuidar da vida, sujeitar-te a pouca destreza de um corpo que não aprende as sutilezas da alma e a todo instante perturba-te o repouso. Precisas comer, limpar-te, mostrar-te apresentável a quem chama na porta, salvar-te com compostura do teu destino metabólico, dormir na própria cruz sem sobressaltos, como um bebê brincando com suas fezes. Ó meu Deus, dizer o que disse e não ter dúvidas de que escrevi um poema é

saber na carne: verdadeiramente dar-Vos graças é meu dever e salvação (PRADO, 2015, p. 459)²⁹.

A relação estabelecida entre espaço profano e lugar sagrado traz em si um paradoxo, visto que, ao mesmo tempo em que aponta a diferença entre um espaço e outro, dissolve-a, ocorrendo uma permeabilidade e integração entre ambos.

O poema acima delinea este aspecto, à medida que expõe o que é da ordem do humano e o que é próprio do zelo com o sagrado. O que é característico da condição humana não se aparta do ser, mesmo quando este se encontra em vigílias sagradas. A autora aborda, no poema *A Criatura*, as obrigações cotidianas e as limitações do corpo: “deves-te levantar e cuidar da vida, sujeitar-se a pouca destreza o de um corpo que não aprende as sutilezas da alma e a todo instante perturba repouso” (Idem). Adélia apresenta, ainda, as necessidades metabólicas do corpo humano e as necessidades de cuidado com o mesmo: é “preciso dormir na sua cruz, tal como um bebê brincando com as próprias fezes,” ou seja, fazer da sua cruz o seu leite, de forma inocente abandonada, tal como um bebê, sem malícias e interdições racionais” (Idem). O poema revela, ainda, que a constatação de sua humanidade-leva-a a dar Graças ao Senhor de uma forma vivencial, sentida na carne, e que isso é, para ela, dever e fonte de salvação.

Sítio

Igreja é o melhor lugar. Lá o gado de Deus pára pra beber água; Ela um no outro os chifres E espevita seus cheiros Que eu reconheço e gosto, A modo de um cachorro. É minha raça, estou Em casa como no meu quarto. Igreja é a casamata de nós. Tudo lá fica seguro e doce; Tudo é ombro a ombro buscando a porta estreita. Lá as coisas dilacerantes sentam-se Ao lado deste humaníssimo fato Que é fazer flores de papel E nos admirarmos como tudo é crível. Está cheia de sinais, palavra, cofre e chave, nave e teto aspergidos contra vento e loucura Lá me guardo, lá espreito a lâmpada que me espreita, adoro o que me subjuga a nuca como a um boi Lá sou corajoso e canto com meu lábio rachado glória no mais alto dos céus a Deus que de fato é espírito e não tem corpo, mas tem o olho no meio de um triângulo donde vê todas as coisas, até os pensamentos futuros. Lugar sagrado, eletricidade Que eu passeio sem medo Se eu pisar o amor de Deus me mata (PRADO, 2015, p. 58)³⁰.

No poema *Sítio*, Adélia associa a Igreja a um lugar em que o indivíduo pode saciar sua sede de Deus. A Igreja é exposta como o lugar onde a comunidade se

²⁹ *A criatura* (PRADO, *O Pelicano*, 2007, p. 93; PRADO, *Poesia Reunida* 1991, p.365).

³⁰ *Sítio* (PRADO, *Bagagem*, 2009, p.76; PRADO, *Poesia Reunida*, 1991, p. 74).

reúne, “esbarra seus chifres” (Idem), poda suas diferenças, sente o “cheiro um dos outros” (Idem), expressando as relações de proximidade, de afeto e trocas estabelecidas neste espaço. Compara o ato de estar na Igreja com a intimidade do quarto, o acolhimento, o sentimento de estar em casa. Um lugar repleto de sinais e símbolos sagrados, que despertam temor e amor, segurança e liberdade, que abastecem o “gado de Deus” (Idem) de coragem e onde Deus, com seu olhar em um triângulo (símbolo muito usado em pinturas das naves de igrejas católicas antigas, que aponta para a figura da trindade que tudo vê), perscruta os pensamentos. Portanto, um lugar Sagrado, em que a divindade se manifesta.

Na medida em que o tempo profano transforma-se em sagrado, incorpora naquele a sua grandiosidade. A forma como o ser adeliano é situado consiste no fator que possibilita a compreensão objetiva de sua cosmogonia, conforme esboça Fontenelle:

Sem os lugares, ficar-se-ia imerso na dimensão abstrata do seu crono topo, marcado pela dissimetria do eterno, da duração e da infinitude. Mas é exatamente a dissimetria, fruto da inclusão do profano no sagrado, que possibilita a forma dessa objetividade; ou seja: é, na medida em que o ser adeliano é perfeito e falho, que os modos do que está entre um e outro vão constituir-se na simplicidade e na individualidade de que se de que se revestem os lugares que os emolduram (FONTENELLE, 2001, p. 49).

Segundo Eliade (1991, p.72), a capacidade de se manifestar em planos múltiplos é uma característica do simbolismo do Centro em geral. Para o autor, todo ser humano tende, mesmo que inconscientemente, para o Centro, que lhe dará a realidade integral, a “sacralidade”. Esse desejo, profundamente enraizado no homem, de se encontrar no próprio coração do real, no Centro do Mundo, onde se dá a comunicação com o Céu, explica o uso imoderado dos “Centros do mundo”.

Tal como uma igreja constitui uma rotura de nível no espaço profano de uma cidade moderna, o serviço religioso que se realiza no seu interior marca uma rotura na duração temporal profana: já não é o Tempo histórico atual que é presente – o tempo que é vivido, por exemplo, nas ruas vizinhas – mas o Tempo em que se desenrolou a existência histórica de Jesus Cristo, o tempo santificado por sua pregação, por sua paixão, por sua morte e ressurreição (ELIADE, 2001, p. 66).

3.2.2. O sagrado que se manifesta no profano/cotidiano

Para Eliade, no discurso do homem religioso, “o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferente dos outros” (ELIADE, 1991, p.25). Dessa forma, o espaço sagrado destaca-se do espaço profano, sendo considerado o centro do espaço; o eixo do mundo é o espaço real por excelência; enquanto o profano, apenas o seu resíduo. Eliade, no mesmo estudo, reconhece o espaço sagrado como o ponto fixo, que, tal como uma bússola, orientaria o homem religioso. O espaço profano, por sua vez, não possibilita uma centralidade, visto que sua principal qualidade é a homogeneidade, sendo seus lugares relativizados.

O sagrado, no entendimento de Eliade, consiste em qualquer força sobrenatural que rompa com o mundo comum. Assim, mesmo uma força tida como maléfica, ou demoníaca, seria, também, uma manifestação do sagrado. Ou seja, para o homem que assume para si uma vida sagrada, toda a estrutura do universo tem de ganhar um sentido. O profano, por sua vez, é tido, pelo autor romeno, como a ausência completa desta força, deste sentido último. Poderíamos, desta forma, considerar o profano como o marco zero de uma potência, algo simplesmente neutro (MOURÃO, 2013, p.24).

O profano, na perspectiva eliadiana, seria o “não ser absoluto”, que se opõe ao “ser absoluto”: o sagrado. Destarte, o sagrado revelaria a realidade sem máscaras, apresentando cada coisa no seu lugar, pondo ordem no caos e confortando o homem. Já a poesia de Adélia Prado apresenta tudo como sagrado, pois cada coisa é tida como especial, ao mesmo tempo em que tudo participa de uma mesma essência (PRADO *apud* MOLITERNO, 2002, p.16).

Sendo a ênfase do discurso adeliiano predominantemente religiosa, poder-se-ia esperar a clássica divisão dos lugares em sagrados e profanos. Porém, em Adélia, esta ruptura parece não existir, visto que sagrado e profano se misturam. Mas, por outro lado, justamente por se misturarem, é pressuposto que sejam coisas distintas. Eis a dialética, pois, entre sagrado e profano, em sua obra.

Em Eliade (2001), a ideia de sagrado está em dialética com a ideia de profano: o sagrado faz-se presente no mundo, mas se opõe a ele. Um objeto é apenas um objeto; porém, a partir do momento que ele é revestido de um caráter hierofânico, ele torna-se sagrado. Sob esta ótica, o sagrado não depende apenas de

uma experiência sensitiva, mas de um elemento concreto (objeto hierofânico), que representa o símbolo, o sinal da manifestação do sagrado:

A dialética do sagrado e do profano implica, em todo processo de manifestação do sagrado, uma ruptura de nível ontológico, no sentido de que o objeto hierofânico se segrega de todo o resto do Mundo que o rodeia e de si mesmo, este objeto, sem deixar de ser o que é, torna-se revelador do sagrado que nele se manifesta (ELIADE *apud* MENDONÇA, 2015, p. 223).

Na dialética do sagrado e do profano, é perceptível a dificuldade de se distinguir aquilo que poderia ser designado como sagrado. Aquilo que tornaria algo como especial não se identifica com o significado natural do objeto mundano. O sagrado estaria relacionado, na visão de Eliade, a uma experiência específica e superior a toda a realidade profana, que, entretanto, revela-se através de objetos do mundo sensível, tais como: uma pedra, uma fonte, o sol, o trovão e assim por diante (MOURÃO, 2013, p.27).

O espaço adeliانو subverte a divisão feita por Eliade, ao estabelecer a fratura dos lugares e do tempo, sem que isso implique heterogeneidade, pois o sujeito pode ultrapassar suas barreiras, compondo os elos necessários às suas aproximações. A síntese entre a heterogeneidade e a homogeneidade dos espaços funda-os como eternos; portanto, todos os lugares são afetados pela centralidade e podem se transformar em um Axis Mundi. As barreiras entre o espaço sagrado e o espaço profano são diluídas. Ou seja, este último também é sagrado. Por isso, tudo o que a voz lírica sente “esbarra em Deus” (PRADO, 1991, p.186).

A fusão do espaço sagrado com o profano pode ser percebida no poema abaixo, em que o cheiro do sumo da laranja converte-se em um meio pelo qual a autora pode se lembrar dos dias outrora vividos. Cheiro tal que a remete ao domingo, e a todos os acontecimentos que o mesmo traria consigo:

Para comer depois

Na minha cidade, nos domingos de tarde, as pessoas se põem na sombra com faca e laranjas. Tomam a fresca e riem do rapaz de bicicleta, A campainha desatada, o aro enfeitado de laranjas: “Eh bobagem!” Daqui a muito progresso tecno-ilógico, quando for impossível detectar o domingo pelo sumo das laranjas no ar e bicicletas, em meu país de memória e sentimento, basta fechar os olhos: é domingo, é domingo, é domingo (PRADO, 2015, p. 38)³¹.

³¹ *Para comer depois* (PRADO, *Bagagem*, 2009, p.43; *Poesia Reunida*, 1991, p.43).

A poesia de Adélia revela vestígios do mistério, do indizível, do transcendente. Entretanto, o cotidiano é o seu tema preferido:

Minha insistência no cotidiano é porque a gente só tem a ele: é muito difícil a pessoa se dar conta de que todos nós só temos o cotidiano, que é absolutamente ordinário (ele não é extraordinário). E eu tenho absoluta convicção de que é atrás, através do cotidiano, que se revelam à metafísica e a beleza; já está na Criação, na nossa vida (PRADO *apud* CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 2000, p. 23).

Este mistério é revelado de forma simples e profunda no poema abaixo. Narrativa provocativa que, embora seja finalizada com uma exclamação, soa como pergunta:

*Bucólica Nostálgica*³²

Ao entardecer no mato, a casa entre bananeiras, pés de manjerição e cravo-santo aparece dourada. Dentro dela agachados na porta da rua, sentados no fogão, ou aí mesmo, rápidos como se fossem ao Êxodo, comem feijão com arroz, taioba, ora-pro-nobis, muitas vezes abóbora. Depois, café na canequinha e pito. O que um homem precisa pra falar, entre enxada e sono: Louvado seja Deus! (PRADO, 2015, p. 37)³².

Adélia em seus versos usa de certa ironia no linguajar de muitos de seus versos. No poema abaixo ela retrata um diálogo aberto e franco com Deus sobre a diferença entre tempo histórico e eternidade:

As Demoras de Deus

Quero coisas pro corpo, o que se suja sozinho e diligente produz sua própria escória. Por astúcia Vos lembro, ó Criador, apesar de eterno e eu histórica, tendes também um corpo. Portanto, feitos um para o outro, Vosso ouvido e minha língua. Ouvi-me pois, antes que, de tanto pedir-Vos, do céu da boca me desabem os dentes (PRADO, 2015, p. 415)³³.

A partir da análise do poema acima, é possível perceber que o homem conhece vários ritmos temporais, além do tempo histórico, de seu próprio tempo e da contemporaneidade histórica:

³² *Bucólica Nostálgica* (PRADO, *Bagagem*, 2009, p.42; PRADO, *Poesia Reunida*, 1991, p.42).

³³ *As demoras de Deus* (PRADO, *A Duração do Dia*, 2011, p. 66).

Basta ele escutar uma bela música, ou apaixonar-se, ou rezar, para sair do presente histórico e reintegrar o presente eterno do amor e da religião. Basta ele abrir um romance ou assistir a um espetáculo dramático para encontrar um outro ritmo temporal – o que poderíamos chamar tempo adquirido – que, em todo o caso, não é o tempo histórico (ELIADE, 1991, p. 29).

Poetizar sobre o cotidiano é, pois, versar sobre a rotina, sobre o prosaico, o “pequeno”. Ações simples adquirem “outros” significados. O cotidiano é repleto de simbolismos, que são captados e reproduzidos com maestria na poesia adeliana (CAMPOS, 2014, s/p).

3.3. O HOMEM RELIGIOSO E SUA APROXIMAÇÃO COM O SAGRADO

A religiosidade é um elemento muito presente na obra de Adélia Prado. A própria escritora irá, em várias entrevistas, confirmar a presença religiosa em seus versos. Entretanto, ao mesmo tempo, ela problematiza o rótulo de “poeta religiosa”, ao afirmar que a poesia é, por si só, religiosa: “eu não faço poesia religiosa, num sentido que muita gente entende equivocadamente. O fato é que é a poesia que é religiosa, ela é sagrada” (PRADO *apud* CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 2000, p. 23).

Segundo Mircea Eliade, realidade e sagrado se confundem: “o sagrado está saturado de ser. Potência sagrada quer dizer ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia” (ELIADE, 2001, p. 18). Este pensamento eliadiano pode ser corroborado no poema a seguir:

Deus não rejeita a obra de suas mãos

É inútil o batismo para o corpo o esforço da doutrina para ungir-nos, não coma, não beba, mantenha os quadris imóveis. Porque estes não são pecados do corpo. À alma, sim, a esta batizai, crismai, Escrevei para ela a *Imitação de Cristo*. O corpo não tem desvãos, só inocência e beleza, tanta que Deus nos imita e quer casar com a sua Igreja e declara que os peitos de sua amada são como os filhotes gêmeos da gazela. É inútil o batismo para o corpo. O que tem suas leis as cumprirá. Os olhos verão a Deus (PRADO, 2015, p. 239)³⁴.

A obra poética de Adélia Prado é tecida na sua relação com o divino,

³⁴ *Deus não rejeita a obra de suas mãos* (PRADO, *O Pelicano*, 2007, p.27; PRADO, *Poesia Reunida*, 1991, p. 317).

apresentando-nos uma literatura epifânica, elevando a poesia ao patamar de instrumento da revelação divina e lhe conferindo um caráter universal. Desta forma, a poesia adeliana deixa a particularidade do eu lírico em direção à universalidade do ser humano. “A singularidade de arte de Adélia, provém sem dúvida da fonte inspiradora: o poeta diante de si mesmo e da poesia, adotando uma postura transcendental e subjetiva através da espiritualidade ao observar o meio que o rodeia” (DOURADO, 2004, p 48).

Adélia Prado concebe a criação literária também como mistério, sendo que este, em sua obra, é quase um sinônimo de fé, incompreensível à razão. Deus só pode ser tocado pelo sentimento, pelas emoções, sendo a poesia uma fonte importante da revelação divina:

A transcendência operada pela poesia de Adélia não pode ser considerada “vazia”, pois através da matéria se tem acesso ao desconhecido e ao misterioso, assim, a conexão divina se realiza por meio do real. A ascensão transcendente é proporcionada pela descida ao chão, na qual a única maneira de elevar-se espiritualmente é o contato com a substância sólida da vida, a precariedade humana (CARDEAL, 2015, p.381).

3.3.1. A consciência da pequenez humana frente à divindade

Ao constatar a fragilidade e a pequenez da existência humana frente ao Criador, gera-se um sentimento de inadequação dessa condição, sendo o meio poético aquele utilizado para se aproximar do divino. Assim, “Deus, a palavra fundante, não pode ser visto, imaginado, tocado ou cheirado, mas deixa-Se desvelar por palavras ao alcance de nosso entendimento e Se torna ‘visível’ na sacramentalidade das coisas” (PRADO *apud* CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 2000, p.121). No poema a seguir, Adélia ressalta o valor da oração em coisas simples e cotidianas, afirmando a possibilidade de bradar a Deus e perceber sua presença nas situações diárias:

O Poder da Oração

Em certas manhãs desrezo: a vida humana é muito miserável. Um pequeno desençaixe nos ossinhos faz minha espinha doer. Sinto necessidade de bradar a Deus. Ele está escondido, mas responde curto: “brim coringa não encolhe”. E eu entendo comprido e comovente esforço da humanidade que faz roupa nova para ir na festa, o prato esmaltado onde ela ama comer, um prato fundo verde imenso mar cheio de estórias. A vida humana é muito miserável. “brim coringa não encolhe!” Meu coração também não. Quando

em certas manhãs desrezo É por esquecimento, Só por desatenção (PRADO, 2015, p. 170)³⁵.

Em Adélia, é possível perceber a arte como uma forma pela qual o divino se expressa. Por meio de narrativas corriqueiras e singelas, Adélia expõe versos em forma de oração, os quais se revelam a mais genuína poesia, como pode ser verificado a seguir:

Mural

Recolhe do ninho os ovos a mulher nem jovem, nem velha, em estado de perfeito uso. Não vem do sol indeciso a claridade expandindo-se, é dela que nasce a luz de natureza velada, é seu próprio gosto em ter uma família, amar a aprazível rotina. Ela não sabe que sabe a rotina perfeita é Deus: as galinhas porão seus ovos, ela porá sua saia, a árvore a seu tempo dará suas flores rosadas. A mulher não sabe que reza: Que nada mude, Senhor (PRADO, 2015, p. 334)³⁶.

O eu lírico que fala no poema está inserido em um cotidiano que, embora seja simples, é descrito com riqueza de detalhes, visto que o material de trabalho na produção dos poemas de Adélia encontra-se na vida rotineira, que acontece em cada esquina, cidade, quintal, jardim, cozinha ou sala de jantar. No entanto, pelo esmero com que é descrito, mostra-se de forma única e singular (CAPELLARI, 2013, p.82).

Adélia Prado insistirá, em várias entrevistas, que a poesia não é religiosa porque trata de assuntos religiosos, mas porque, em sua essência, é uma experiência de ordem religiosa:

Para Adélia Prado religião não se confunde com catolicismo ou qualquer outra instituição religiosa, mas consiste numa experiência anterior e universal, que tem a ver com a experiência da totalidade, e constitui uma das dimensões intrínsecas do ser humano (MOREIRA 2010, p.15).

Na poesia de Adélia, o “jeito mineiro de ser” está por toda parte: na forma de falar, nas paisagens, nas curvas sinuosas das montanhas Gerais, nos personagens de seus enredos:

³⁵ *O poder da oração* (PRADO, *O Coração Disparado*, 2013, p. 143; PRADO, *Poesia Reunida*, 1991, p.229).

³⁶ *Mural* (PRADO, *Oráculos de Maio*, 2013, p.35).

É que, afinal, você percebe que tudo é basicamente igual. O que interessa mesmo é a tua vidinha. Porque você não tem mais que ela. Você não tem mais do que 24 horas do dia. Ninguém tem mais que isso. E é nessa experiência pequeninha, miserável, limitada, carente, que eu vou dar uma resposta ao absurdo da minha existência e do mundo (MARTINUZZO, 2014, p. 10).

3.3.2. O divino que se faz presente na casa-homem

A casa ocupa um lugar privilegiado na escrita adeliana, sendo, possivelmente, o elemento espacial que abrange mais exemplificações. Ela aparece de formas diversificadas, conforme pode ser notado nos poemas *Impressionista* e *Domus*:

Impressionista

Uma ocasião, meu pai pintou a casa toda de alaranjado brilhante. Por muito tempo moramos numa casa, como ele mesmo dizia, constantemente amanhecendo (PRADO, 2015, p. 34)³⁷.

Em Adélia, pode-se perceber que a casa é mais do que um espaço físico, ela é a representação do sentimento dos que nela habitam e uma revelação do que ocorre no interior de cada um dos que nela moram.

Domus

Com seus olhos estáticos na cumeeira a casa olha o homem A intervalos lhe estremecem os ouvidos de paredes sensíveis, discernentes: agora é amor, agora é injúria, punhos contra a parede, pânico. Comove Deus a casa que o homem faz para morar, Deus que também tem olhos na cumeeira do mundo. Pede piedade a casa por seu dono e suas fantasias de felicidade Sofre o que parece impassível É viva a casa e fala (PRADO, 2015, p. 327)³⁸.

Na escrita adeliana, o espaço da casa torna-se singular, não apenas por acolher ou se fixar nas lembranças, mas pela forma como Adélia tece o seu aspecto ordinário, por meio das tarefas rotineiras, configurando centros de simplicidade e representando a estrutura dos acontecimentos que ali ocorrem (FONTENELLE, 2001, p.50).

Para Eliade (2001, p.54), tal como a cidade ou o santuário, a casa é santificada, em parte ou na totalidade, por um simbolismo ou um ritual cosmológico. Desta forma, a instalação em qualquer parte, seja na construção de uma aldeia ou

³⁷ *Impressionista* (PRADO, *Bagagem*, 2009, p.36; *Poesia Reunida*, 1991, p.36).

³⁸ *Domus* (PRADO, *Oráculos de Maio*, 2013, p. 21).

apenas de uma casa, envolve toda a existência do homem. “Seja qual for a estrutura de uma sociedade tradicional (...) a habitação é sempre santificada, pois constitui uma *imago mundi*, e o mundo é uma criação divina (...)” (ELIADE, 2001, p. 50).

A habitação não é um objeto, uma máquina para habitar; é o Universo que o homem construiu para si imitando a Criação. Toda construção e inauguração de uma nova morada tem a equivalência de uma renovação, um recomeço. Todo começo repete o começo primordial, quando o Universo viu pela primeira vez a luz do dia. Mesmo nas sociedades modernas, tão fortemente dessacralizadas, as festas e os regozijos que acompanham a instalação numa nova morada guardam ainda a reminiscência da exuberância festiva que marcava, outrora, o *incipit vit nova* (ELIADE, 2001, p. 54).

Com o passar do tempo, em decorrência das transformações ocorridas na organização social da humanidade, a habitação foi deixando de ser apenas o local de abrigo e proteção frente às ameaças do ambiente, assumindo a condição de espaço privilegiado das relações familiares e local de transmissão dos valores essenciais à formação do ser humano. “A casa” é “o espaço privilegiado onde se guardam as lembranças de objetos e situações que marcaram profundamente o sujeito lírico em suas vivências afetivas e espirituais” (MOREIRA, 2010, p. 93).

Pode-se concluir, ao final deste capítulo, que o caos do mundo contemporâneo conforme, explica Eliade (2001, p.19), ocorre pela falta do espaço sagrado no ser humano. O mundo sagrado é harmônico e marcado pela presença do transcendente. Já o mundo profano não tem delimitações de espaço e nem de comportamento, estabelecendo-se, assim, o caos. Enquanto o sagrado organiza o mundo através do estabelecimento de regras, mantendo sua unidade; o mundo profano é fragmentado, desarmonioso, fazendo com que o homem sinta-se perdido e confuso.

Adélia apresenta, por meio de sua poesia, um refúgio deste caos, ao vislumbrar no profano e cotidiano uma possibilidade de diálogo com o sagrado, sem a necessidade de símbolos ou ritos, resgatando a harmonia e o elo entre céu-terra, homem-Deus. Sua poesia pode ser descrita como uma síntese do espiritual e do material, do sagrado e do profano.

A relação que Adélia Prado desenvolve com a esfera do sagrado, e com o pulsar criativo da atividade poética, engloba também o profano. As experiências narradas em seus poemas são vividas como parte da mesma realidade: constrói-se,

pois, uma visão integradora destes dois aspectos complexos, tidos, muitas vezes, como contraditórios da realidade (sagrado e profano), por meio da harmonização de uma fé religiosa interligada à realidade cotidiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Ao minuto de gozo do que chamamos Deus,
fazer silêncio ainda é ruído”.*

(Adélia Prado)

Ao mergulhar mais profundamente na leitura adeliana percebi que ainda tenho muito a entender sobre o que Adélia diz em seus versos, mas confesso que a forma como ela observa o mundo é, para mim, desconcertante, com essa delicadeza e esse olhar límpido, que leva a contemplar as coisas cotidianas com um olhar de descoberta/redescoberta.

Por meio do poema *Impressionista*, já esboçado na pesquisa pude rememorar lembranças da infância, tal como observar o céu estrelado, junto ao meu pai, deitada no chão nas noites quentes de verão. Percebi que aquele ato de observar e “jogar conversa fora” representava a base de uma tecedura poética narrativa que é percebida enfaticamente nos versos adelianos.

Tal como se vislumbra na poética adeliana, aquelas horas de jogar “papo pro ar”, estava contida toda uma força de vida: o ato de verbalizar-se, na pausa dos afazeres que pulsam, transmitindo o quão extraordinário é simplesmente estar viva e compartilhar a nossa existência com quem amamos, como no ato de contar estrelas e procurar “São Jorge na Lua”.

A escrita poética de Adélia Prado é tecida no ordinário do cotidiano, revelando uma compreensão singular a respeito da arte, do belo e do sagrado. A poesia presentifica aquilo que apresenta, seja na memória do autor ou, ainda, na imaginação do leitor, que se coloca diante da imagem e da situação esboçada, vivendo-a e a sentindo como algo seu. Ou, como elucida Adélia, em entrevista:

A poesia é um fenômeno natural que todos nós percebemos. Vou dar um exemplo: todo dia você passa por uma árvore quando vai para o trabalho. Certo dia você vê a árvore e exclama: Que linda!! Isso é poesia. Então, poesia é a revelação do real. Quanto mais poética uma coisa é, mais real ela é. O olhar da poesia me dá a pulsação do real. Acontece quando você é tocado pela beleza (não pela boniteza da coisa), pelo *ser* da coisa, que é belo. E todo ser é belo (PRADO *apud* MASTERCLASS COM ADELIA PRADO, 2016).

Para Adélia, a poesia funciona como ponto de mediação e de manifestação do sagrado, um meio pelo qual o divino deixa-se revelar, explorando cenários e paisagens simples, dotadas de extrema beleza e relevância que nossos olhares apressados, muitas vezes, não percebem.

A obra adeliana é vasta e rica em conteúdos e pontos que podem ser abordados. Porém, o objetivo sobre o qual a pesquisa debruçou-se consistiu em apontar como um cotidiano simples, rústico e comum, é capaz de despertar e ofertar elementos significativos de análise sobre a vida humana e sua relação com o sagrado.

Foram utilizados poemas do livro *Poesia Reunida*, publicado em 2015. Fez-se, também, citação da obra originária, de onde cada poesia foi extraída, havendo, pelo menos, uma poesia de cada livro publicado pela autora até a finalização da pesquisa. O ponto em comum entre os versos é o aspecto autobiográfico, a religiosidade, o cotidiano, o sagrado, o olhar feminino diante dos acontecimentos diários. A presença do extraordinário no ordinário da vida, a observação das roldanas que movem sua poética, os pormenores que são, sem dúvida, fonte de inspiração diária e, enfim, a poesia como dom.

Parece que não seria justo falar da percepção do cotidiano retirando um desses elementos, em virtude de estarem nas entranhas da poesia de Adélia e constituírem um componente sagrado para a poeta. Adélia faz isso como se contasse um caso a uma comadre, ou revelasse um segredo a uma amiga. Aninha, junto de si, o leitor, fazendo dele um confidente das situações, acontecimentos e revelações que, para ela, são preciosas.

Adélia concebe sua poesia como instrumento iluminado por uma força maior, uma força divina, que ilumina também tudo ao redor, pois interpenetra as sutilezas da vida diária, como se o eu lírico percebesse a alma das coisas e dos fatos. Abastecida de um poder maior, em sua poesia, Adélia mostra o quão desdobrável é. Seu eu lírico é capaz de adorar a Deus, falando de suas nádegas, como vimos ao longo da pesquisa. Por esse motivo, sua poesia é inesgotável.

Adélia vê vida nas coisas. O cotidiano é um dos aspectos de maior relevância na obra adeliana, configurando-se como temática também recorrente nas entrevistas que Adélia vem concedendo ao longo de sua produção literária. Na obra de Adélia, esse cotidiano não é apenas cenário para a narrativa, mas parte integrante da voz que narra e da construção literária:

Estou no mesmo lugar escrevendo o mesmo livro desde o começo. O que eu tenho além do cotidiano? Nada. Para todos nós, é a vida vidinha. A rainha da Inglaterra, a grande atriz, o que elas têm? Depois de inaugurar alguma grande coisa, o cotidiano. E o que todos querem? Ser feliz. Todos (Idem).

A vida é o cotidiano, o que há de concreto. O cotidiano, retratado de forma tão poética e humana, faz com que, através da leitura, o indivíduo identifique-se e se sinta parte da narrativa. O eu lírico valoriza o simples estar das coisas, com as quais, subitamente, sente-se vivo. Pequenas histórias familiares, dramas do dia a dia, tudo isso filtrado pelo seu olhar, gerando uma poesia extremamente refinada e bela.

Uma das marcas da construção da escrita é a subjetividade estabelecida pela presença do eu como ator do discurso, o que confere ao texto uma demarcação pessoal. A construção da escrita adeliãna, ao trazer a paisagem mineira inscrita na memória, traz também traços autobiográficos e uma temporalidade particular: o olhar do eu, ligado a imagens da realidade e da experiência de vida da autora. A consciência de que fazer poesia é um dom divino aparece sempre materializada em suas obras e justificada pela influência de elementos do cotidiano. Mais do que tocada pela poesia, a poeta é atravessada por ela.

O campo de pesquisa na poesia de Adélia Prado é amplo, vasto e rico. No entanto, o que as análises realizadas nesta pesquisa buscaram elucidar é que o sagrado é capaz de se revelar por meio da percepção de um cotidiano aparentemente singelo e corriqueiro.

A pesquisa buscou fundamentação na obra do estudioso das religiões Mircea Eliade, identificando semelhanças e diferenças entre os dizeres de Eliade e de Adélia Prado, a respeito da manifestação do sagrado.

Mircea Eliade, na obra *O sagrado e o profano*, explica o caos do mundo contemporâneo pela falta do espaço sagrado no ser humano. O mundo sagrado é a harmonia, sendo regulado pela presença do transcendente; já o mundo profano propaga a liberdade excessiva, onde não existem parâmetros de comportamento e de modos de viver na sociedade. O sagrado constrói uma organização do mundo, estabelece regras e mantém a unidade. O mundo profano, por sua vez, é a desarmonia, é a impossibilidade de visualização do todo. Adélia Prado vem de uma tradição cristã católica e coloca, de maneira muito clara, os elementos religiosos

católicos em seus poemas, através do uso de símbolos. Porém, para a autora, toda poesia é religiosa, independente de seu autor ser religioso ou não. Pode se dizer, assim, que sua poesia é uma representação do mundo sagrado:

Um poeta pode ser um ateu de marca maior, a poesia é religiosa a despeito de seu autor. Por que? Porque a poesia me dá uma experiência de unidade. De sentido. Por isso a obra dá a experiência religiosa que me liga ao centro, à unidade, ao sentido. Veja Saramago. Ateu, e escrevia sobre o que? O Evangelho segundo Jesus Cristo...A busca pela unidade e significação é religião (*religare*), e a arte me dá a experiência da unidade. Não importa o assunto, é a forma (da arte) que faz isso. Ela nos transporta a essa experiência que é religiosa em si (Idem).

Percebe-se, na definição eliadiana, uma oposição entre sagrado e profano. O sagrado refere-se a uma dimensão transumana e sobrenatural da existência. Esse sagrado revela-se ao mundo por meio de determinados sinais e elementos, denominados, por Eliade, de hierofanias.

De acordo com Eliade (2001, p. 20): “o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações ao longo de sua história”. Desta forma, o sagrado e o profano constituem duas maneiras distintas da vida, da natureza, do mundo e da existência.

Eliade buscou, ao longo de seus estudos, de forma particular *em O Sagrado e o Profano*, entender:

[...] de que maneira o homem religioso se esforça por manter-se o máximo de tempo possível num universo sagrado e, conseqüentemente, como se apresenta sua experiência total de vida em relação à experiência do homem privado de sentimento religioso, do homem que vive, ou deseja viver, num mundo dessacralizado (ELIADE, 2001, p. 19).

Para Mircea Eliade, a existência do *homo religiosus* está ligada, principalmente, aos povos antigos, segundo os quais o sagrado não é uma crença longínqua e fabular, mas a própria realidade, que retorna, o tempo todo, através dos rituais e celebrações, constituindo, desta forma, uma dimensão ontológica essencial das sociedades antigas.

A ocupação de um território, por exemplo, é analisada, por Eliade, através das práticas de alguns povos primitivos, nas quais a ritualização da ocupação consagra o território, estabelecendo uma ruptura na homogeneidade do espaço e transformando

aquela terra em mais do que sua extensão física, fazendo-a um Cosmos, uma “habitação sagrada”. As práticas e crenças, unificadas na experiência do sagrado, contrapõem-se à existência profana.

Para Adélia, no entanto, não se faz necessário um rito para que um espaço torne-se sagrado. Não há essa separação entre o que é sagrado e profano: embora sejam coisas distintas, estão intrinsecamente interligados um ao outro. Uma casa, que é algo profano, pode se tornar sagrada pelas memórias e afetos estabelecidos naquele espaço.

O estudo do que é o sagrado e do que é o profano não deve se restringir a especialistas em história das religiões ou apenas a pessoas religiosas. A temática é um estudo muito interessante para todos os tipos de leitores que buscam uma compreensão, independente de religiões ou da dessacralização do mundo contemporâneo, de como a experiência do sagrado continua a se constituir dimensão ontológica da existência social do homem, seja esta dimensão revelada pela poesia ou pela simples contemplação do mundo que cerca o ser.

Enfim, a temática discorrida nesta dissertação, além de ser abrangente, é também sedutora. O percurso, que já apresentava fascínio desde o início propriamente dito, mostrou-se não como fim, mas como ponto de partida. Muito mais pode ser dito sobre a poesia de Adélia Prado, mas há também o que nunca será dito: afinal, trata-se de poesia e esta transcende as palavras. O término do trabalho acadêmico não constitui, pois, a sinalização de uma reta final, de uma conclusão, de uma visão definitiva sobre os assuntos aqui abordados. Ao contrário, representa um novo começo, instiga novas perguntas, instaura novas rotas.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Fábio. Milagre de pés descalços. *Jornal Rascunho*, mai. 2016. Disponível em: <http://rascunho.com.br/milagre-de-pes-descalcos/>. Acesso em: jan. 2018.

ALI, Fátima Rodrigues. *Um país de memória e sentimento: alguns temas na poesia de Adélia Prado*. Dissertação (Dissertação de Mestrado em Letras), UFRGS, Porto Alegre, 2012.

ALMEIDA, Marcus. *Adélia Prado / Aula Magna: o poder humanizador da poesia*. Abr. 2012. Disponível em: <http://nossabrazilidade.com.br/adelia-prado-aula-magna-o-poder-humanizador-da-poesia/>. Acesso em: jan. 2018.

ALVES, José Hélder Pinheiro. *De Bagagem a Miserere: “a inominável corisca poesia” de Adélia Prado*. In: Scripta, 2014.

ARAÚJO, Zuila Kelly da Costa Couto Fernandes, de. *Deus, corpo e poesia em Adélia Prado: traços de uma poética da religião*. Dissertação (Dissertação de Mestrado em Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, Paraíba, 2011.

BARBOSA, Maria José Somerlate. A via-láctea da palavra: Adélia Prado e Cora Coralina. In: DUARTE. *Gêneros e Representação na Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

BETTO, F. Adélia nos prados do Senhor. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 9, 2000.

BITTENCOURT. Gilda Neves da Silva. Adélia Prado e a poética do sagrado. In: *Organon*, Porto Alegre, v.16, 1989.

BRASIL, U. Adélia Prado retorna à poesia com “Miserere”. *O Estado de São Paulo*, dez. 2013. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,adelia-prado-retorna-a-poesia-com-miserere,1105245>. Acesso em: jan. 2018.

CAMPOS, Mônica Baptista. O mistério e o cotidiano na Poesia de Adélia Prado. *Vida Pastoral*, Paulus, São Paulo, mai./jun. 2014.

CAPELLARI, Jaqueline Alice. *A percepção do cotidiano na poesia de Adélia Prado*. Dissertação (Dissertação em Literatura), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

CARDEAL, Rafaela. O olhar sacramental na poesia de Adélia Prado. *Versalete*, Curitiba, v. 3, n.4, jan./jun. 2015.

CASTELLO, José. Adélia Prado retoma o diálogo com Deus em dois livros. *O Estado de São Paulo*, mai. 1999. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/castel15.html>. Acesso em: jan. 2018.

CITELLI, A. O.; VARGAS, C. O cotidiano revelado na poesia de Adélia Prado. *Comunicação & Educação*, v. 1, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. Adélia Prado: o resgate da vida cotidiana. In:_____. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.

CONCEIÇÃO, Douglas Rodrigues de. Expressando a fé: experiência religiosa, testemunho autobiográfico e religioso na poesia de Adélia Prado. *Soletras*, n. 23, 2012.

COSTA JR., Josias da. Religião e Literatura na poética mística de Adélia Prado. *Horizonte*, Belo Horizonte, v.10, n. 25, jan./mar. 2012.

COUTINHO, Cláudia Paixão. *A poesia de Adélia Prado*. Dissertação (Dissertação de Mestrado em Letras), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 1995.

CRUZ, Ester Mian da. A bíblica poesia de Adélia Prado. *Plural*, Araçatuba, 2001.

DICIO. Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cotidiano/>. Acesso em: jan. 2018.

DOURADO, Débora Ribeiro Borges. Transcendência e Espiritualidade na poesia de Adélia Prado. *Educação & Mudança*, v. 15, 2004.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. O mito do eterno retorno. Lisboa: Edições 70, 1969.

_____. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ENTREVISTA COM A ESCRITORA MINEIRA ADÉLIA PRADO. *Revelação Online*. Disponível em: <http://www.revelacaoonline.uniube.br/a2002/cultura/adelia2.html>. Acesso em: jan. 2018.

ESPAÇOS SAGRADOS: os significados dos locais de cultos. *TV Brasil*, jul. 2016. Disponível em: <http://tvbrasil.ebc.com.br/entreoceueaterra/episodio/espacos-sagrados>. Acesso em: jan. 2018.

FONTENELLE, Laércia Bezerra. O espaço adeliانو. *Revista de Letras*, v.1/2, n. 23, jan./dez. 2001.

GOMES, Polyana Pires. *Adélia Prado: A poesia e o flagrante do belo*. Dissertação (Dissertação de Mestrado em Letras), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

HOHLFELDT, Antônio. A epifania da condição feminina. *Cadernos de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 9, jun. 2000.

LOPES, Antônio Herculano. *Adélia Prado: uma entrevista*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Ministério da Cultura, 1995.

MADUREIRA, Pedro Paulo de Sena. A gênese de uma poeta. In: *Poesia sempre*, Rio de Janeiro, ano 13, n. 20, mar. 2005.

MARTINUZZO, Marcel Bussular. *A “voz geógrafa” de Deus: Adélia Prado, o misticismo e o espaço ao redor*. Dissertação (Dissertação de Mestrado em Letras), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

MASTERCLASS COM ADÉLIA PRADO: poesia é a revelação do real, é o maravilhamento que o homem tem sobre o mundo. *O Feminino e o Sagrado: um jeito de olhar o mundo*, nov. 2016. Disponível em: <http://femininosagrado.com.br/2016/11/masterclass-com-adelia-prado-a-poesia-e-a-revelacao-do-real-e-o-maravilhamento-que-o-homem-tem-sobre-o-mundo/>. Acesso em: jan. 2018.

MELLO, Maria Auxiliadora Santos de. Intertextualidade em Adélia Prado. In: VOLPINI (org.). *Literatura Brasileira: múltiplos olhares*. Juiz de Fora: Editar, 2012.

MENDONÇA, Maria Luiza Viana Pessoa de. *A História das religiões de Mircea Eliade: estatuto epistemológico, metodologia e categorias fundamentais*. Juiz de Fora: UFJF, 2015.

MOLITERNO, Isabel de Andrade. *A poesia e o sagrado: traços do estilo de Adélia Prado*. Dissertação (Dissertação de mestrado em Filosofia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MOREIRA, Ubirajara Araújo. Adélia Prado e a polêmica sobre o processo de criação poética e o papel da inspiração. *Humanitas*, n. 18, v.1, jan./jun. 2010.

MORET, Ana Lúcia. *Tradição e Modernidade na Obra de Adélia Prado*. Dissertação (Dissertação de Mestrado), Unicamp, Campinas, 1993.

MOURÃO, Rodrigo Brasil da Fonseca. *O espaço sagrado em Mircea Eliade*. Dissertação de Mestrado, FAJE, Belo Horizonte, 2013.

NÊUMANNE, José. A mineira Adélia Prado, poesia e prosa com fé no chão. *Jornal da Tarde*, São Paulo, abr. 1999. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/jneumanne14c.html>. Acesso em: jan. 2018.

OLIVEIRA, Cleide Maria de. O poeta ficou cansado. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.16, n. 2, jul./dez. 2012.

PAULA, Maria do Carmo Lara de. O percurso da epifania na poética de Adélia Prado. *Em Tese*, UFMG, Belo Horizonte, v. 8, dez. 2004.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

_____. *Signos em rotação*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1996.

PORTELLA, Rodrigo. A mística poética de Adélia Prado: os sentidos de uma paixão. In: *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, ano 8, n. 09, 2003.

PRADO, Adélia. Adélia Prado em busca da poesia. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 nov. 1991.

_____. A linguagem mística do cotidiano. Sempre um Papo, *TV Câmara*, ago. 1993.

PRADO, Adélia. *A duração do dia*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2011.

_____. *A faca no peito*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007.

_____. *Bagagem*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2009.

_____. *Cadernos de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 9, jun. 2000.

_____. Encontros de escrita. *Entrevista concedida a Walter Cabral de Moura*, dez. 2001.

_____. *Memória Roda Viva*, set. 1994. Disponível em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/716/entrevistados/adelia_prado_1994.htm. Acesso em: jan. 2018.

_____. *Miserere*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2013.

_____. Mística e poesia. *Magis: Revista de Fé e Cultura*, n. 21, 1997.

_____. *O coração disparado*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2006.

_____. *O pelicano*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007.

_____. *Oráculos de Maio*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2013.

_____. *Poesia Reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.

_____. *Poesia Reunida*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2015.

_____. *Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Record, 2006.

QUEIROZ, Vera. *O vazio e o pleno: a poesia de Adélia Prado*. Goiânia: UFG, 1994.

SOARES, Cláudia Campos. As palavras, de um certo modo agrupadas e a fugacidade das coisas do mundo: aspectos da poesia de Adélia Prado. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, 2010.

STROPARO, Sandra Mara. *O espelho de Vênus: poesia e experiência em Adélia Prado*. Dissertação de Mestrado em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1995.

SUTTANA, Renato. Mundo e mistério na poesia de Adélia Prado. In: SOUZA, O. A. (org.). *Desafios e perspectivas*. Guarapuava: UNICENTRO, 2002.

TAVARES, Cristiane Fernandes. Metalinguagem: a palavra consagrada na poesia de Adélia Prado. *Olho d'Água*, v.2, n.1, 2010.

TEIXEIRA, Caio Cuccino. Após três anos, Adélia Prado volta às prateleiras com "Miserere". *Metro*, jornal online, mar. 2014. Disponível em: <https://www.metrojornal.com.br/cultura/2014/03/25/apos-tres-anos-adelia-prado-volta-as-prateleiras-com-miserere.html>. Acesso em: jan. 2018.

WIECHMANN. *A Poesia de Adélia Prado: Expressão Feminina do Cotidiano e do Sublime*. Monografia em Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010